

DE

ESCOLA SECUNDÁRIA

DE ROCHA PEIXOTO

REXOTO



ESCOLA SECUNDÁRIA
DE ROCHA PEIXOTO

2015 / 2016 | Número dez
Biblioteca Escolar - Póvoa de Varzim



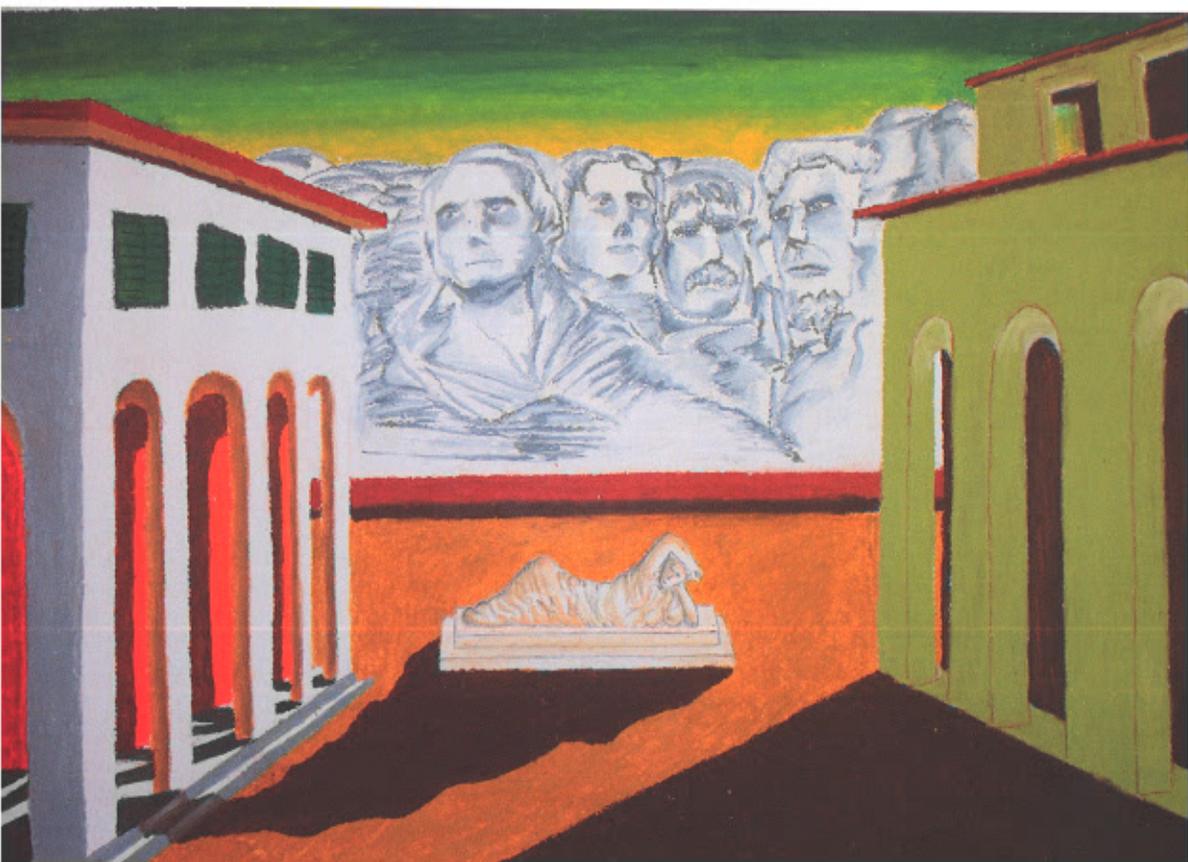
PREFÁCIO

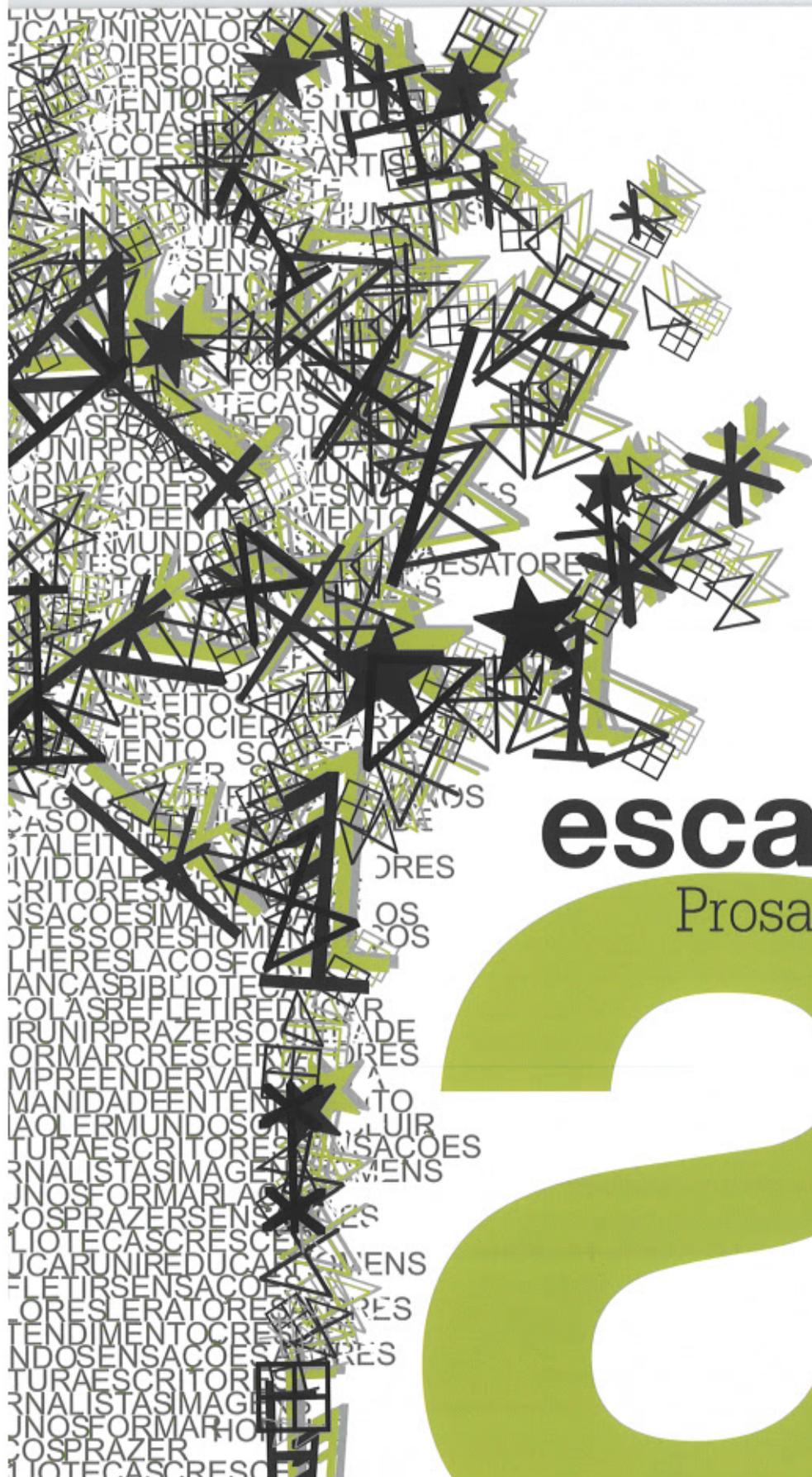
Elos, ligações palavras-chave que serviram de mote à semana da Leitura 2016 são também aquelas que melhor descrevem estes dez anos de “Escritores da Rocha Peixoto”. O projeto nasceu com o renascimento da biblioteca escolar desta escola, encarnando uma nova postura das bibliotecas escolares que se constituíram como centros de construção ativa do saber e espaços de leitura e escrita dinâmicos. A equipa da biblioteca, os professores de Português, de Educação Visual, de Design Gráfico e de Artes ligaram-se aos Escritores da Rocha -alunos, professores, encarregados de educação, funcionários desta Escola que deixaram em verso, prosa ou imagem o seu sentir. Escreveu-se sobre o amor, o mar, António Rocha Peixoto, a escola, a morte, as palavras, a poesia, ... Criou-se!

Este projeto foi crescendo, tornando-se mais abrangente cada ano que passou, sendo também repositório de outras escritas. Assim, esta coletânea inclui trabalhos realizados no âmbito das Olimpíadas da Escrita, onde a jovem escritora Ângela Serrão sugeriu o tema “Se procura o mar procura em segredo” como ponto de partida para a escrita; ilustrações realizadas em Educação Visual pelos alunos do 3º ciclo; mensagens sobre o valor das palavras e da poesia elaboradas durante a II Semana das Línguas, todos os trabalhos vencedores da Escola da Minha Vida e ainda alguns dos melhores trabalhos do curso de Artes.

Criaram-se elos que unem esta comunidade educativa, centrada numa escola que se assume como de todos e para todos e que tem como objetivo último formar cidadãos por inteiro. São estes os Escritores da Rocha Peixoto.

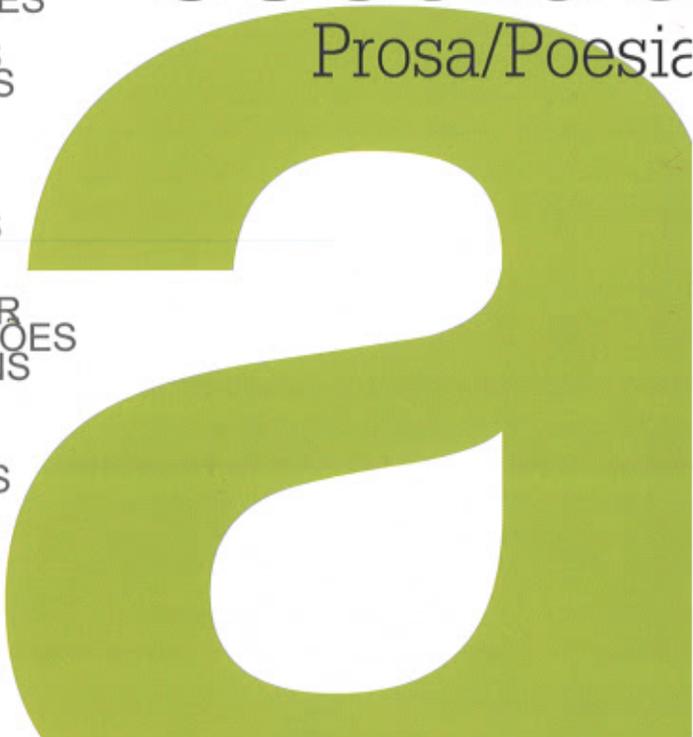
A professora Bibliotecária
Albina Maia





escalação

Prosa/Poesia



Diogo e o rapto por engano

José Nuno Quintas | 7ºB

-Diogo, anda jantar! -chamou a mãe.

-Já vai, mãe! -Respondeu o Diogo, enquanto jogava no seu computador.

Ele era um jovem de 15 anos que vivia só com a mãe, pois o pai estava a trabalhar no estrangeiro.

-Diogo, não vou chamar outra vez! -Disse a sua mãe, mas desta vez já irritada.

Ele entendeu que se não fosse logo, poderia ter problemas. Então, desligou o computador e foi jantar. A mãe tinha feito a sua comida favorita - carne e batatinhas assadas! Foi saboreando e conversando.

-Mãe, ofereceram-me bilhetes para o jogo do Sporting -Porto e queria ir -disse Diogo. -É um jogo muito importante!

-Bem, acho que podes ir, pois este período tiraste boas notas, mas tens que estar em casa antes das 11 horas, pois amanhã não podes acordar tarde. -disse-lhe a sua mãe.

-Obrigado! -agradeceu o Diogo.

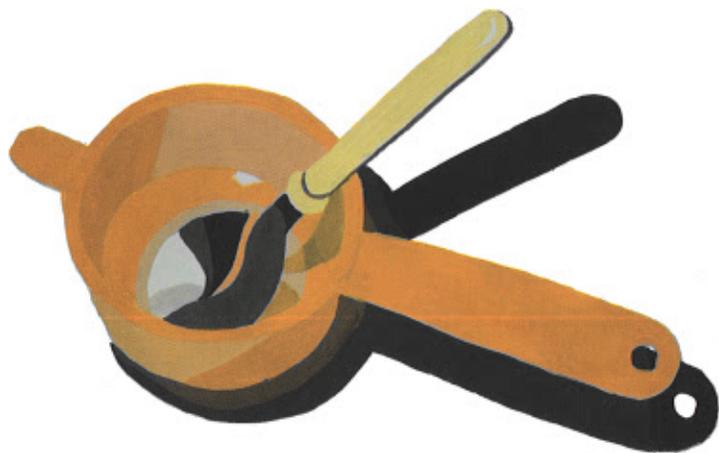
No dia do jogo, o Sporting ganhou e, por isso, ele estava muito feliz. À saída do estádio, um segurança disse-lhe:

-Ei, miúdo, podes chamar aquele meu colega que está ali?

O Diogo olhou, mas não viu ninguém. Para o segurança foi o momento perfeito. Enquanto o Diogo olhava para o outro lado, o tal senhor pegou nele tapando-lhe a boca e pô-lo dentro de um saco.

-Onde... Onde estou? -perguntou o Diogo, muito assustado.

Algum tempo mais tarde, ele ainda estava meio adormecido, mas reparou que se encontrava numa garagem escura, onde entravam apenas alguns raios de luz por uma pequena janela. Diogo pensou:



-Devo ter sido raptado por um ladrão!

E, nesse mesmo momento, o ladrão apareceu, enquanto dizia:

-Ora! Ora! Ora! O miúdo, ou melhor, o jovem que nos arruína os planos há cinco anos está aqui!

O raptor não parava de o fixar e demorou algum tempo a perceber que se tinha enganado na pessoa.

-Esperem, este não é o miúdo que procuramos, mas agora sabe demais, por isso atirem-no ao poço!

Os comparsas do raptor pegaram em Diogo e começaram a levá-lo na direção de um poço, para onde, se fosse atirado, morreria certamente. Então ele distraiu os comparsas, dizendo:

-Ei, porque é que aquela luz está a piscar?

Os comparsas olharam e o Diogo aproveitou a situação para apanhar uma vara de metal que estava no chão e agredir os bandidos, que surpreendidos, tropeçaram e o largaram. Diogo aproveitou para fugir por uma porta que estava semiaberta.

Agora tenho de deter estes bandidos. Vou contar tudo à polícia -pensou ele.

Quando chegou à esquadra, contou tudo. A polícia rapidamente encontrou os bandidos e prendeu-os. Finalmente, já em casa, a sua mãe estava preocupadíssima, mas o Diogo explicou:

Não se passou nada, mãe, apenas acho que já posso ser polícia!

A mãe não entendeu, mas ficou contente e aliviada por ver o filho bem e todo animado.



Dois mundos paralelos

Joana Pereira | 7ºB

Olá! O meu nome é Cláudia, tenho quinze anos, vivo em Portugal e a minha vida é um mar de emoções. Às vezes, quando estou sozinha, sinto-me perdida e também sinto que me falta algo para preencher o vazio.

Um dia, eu estava a passear com as minhas amigas e, na rua onde nos encontrávamos, passou um cão. Só que naquele cão havia algo de errado. No resto do caminho fiquei a cismar no pobre coitado e, quando cheguei a casa, fui para o meu quarto. Ao abrir a porta, qual não foi o meu espanto ao ver que o mesmo cão se encontrava lá, deitado em cima do meu tapete.

Fiquei chocada! Quando me aproximei para o acariciar, ele simplesmente desapareceu. Nesse preciso momento, quando olhei para trás, já não me encontrava no meu quarto.

Um ambiente de paz percorria a minha mente, mas, de repente, a luz apagou-se e tudo ficou num mundo coberto pelas trevas. Comecei a preocupar-me e a andar às voltas sem saber o que fazer, até que percebi que eu estava na minha mente e que era eu que a controlava. Assim, nesta situação, só conseguia proferir a seguinte súplica:

-Por favor, peço que volte tudo ao normal!!

Mas, por mais incrível que pareça, nada aconteceu. Aquele mundo sombrio da minha mente tornou-se numa sala escura, onde só existia uma cadeira. Aproximei-me dela e sentei-me, mas, quando o fiz, o meu corpo começou a derreter e teletransportei-me para um novo mundo de fantasia.

Nesse mundo apareciam todas as minhas crenças, os meus segredos que ninguém conhece e até mesmo os meus heróis de criança.

À primeira vista pareceu-me um pouco sinistro, mas depois até achei divertido. Comecei a movimentar-me por ali e a viver e reviver um mundo de emoção. Foi espetacular! Havia casas feitas de doces e uma coisa que eu achei muito engraçada foi que cada casa tinha um letreiro onde se lia cada um dos meus pensamentos. Também havia pequenos seres que pareciam minhocas, mais gordas e pequenas do que as que conhecemos, que entravam nas casas com os letreiros conforme o que eu estava a pensar. Estava a divertir-me imenso até que tudo começou a desaparecer e eu acordei deitada numa cama de hospital.

-Cláudia, estás bem? O que aconteceu?- perguntou a minha mãe.

-Menina, tenha calma! A menina teve uma quebra de tensão e desmaiou, mas agora, creio que já está tudo controlado. -referiu o médico.

Durante muitos dias, pensei no que me tinha acontecido. Aquilo pareceu-me tão real, o cão, a cadeira, as casinhas com os letreiros... "Deve haver alguma maneira de voltar lá" -pensei eu.

Estava tão cansada que decidi ir dormir um bocado e, para minha felicidade, voltei novamente ao meu paraíso!

Um Amor Espacial

Vasco da Ponte Carvalho | 8ºD

Era uma vez... dois alienígenas gostavam muito um do outro, conversavam muito e sabiam tudo acerca um do outro. Até que um dia discutiram. Ninguém sabia porquê, só se sabia que os planetas ao lado de Loveonia, mesmo estando a anos-luz de distância, conseguiram ouvir gritos.

Na manhã seguinte à discussão, já só estava uma pessoa naquele planeta. Amora tinha partido, deixando Loviu sozinho.

Cinco dias passaram e Loviu não conseguia aguentar mais sem a sua amada. Decidiu ir procurá-la! Não a encontrou em nenhum dos planetas vizinhos, e por isso foi mais longe.

As indicações dos outros extraterrestres apontavam para que ela se tivesse dirigido à Terra, e foi para lá que Loviu viajou.

Quando chegou teve boas e más notícias. As boas eram que a tinha encontrado; as más eram que estava presa numa base dos E.U.A. e iria servir de co-baia para estudar a anatomia extraterrestre.

À medida que se aproximava, Loviu viu um corpo muito pequeno em cima da nave de Amora. Era uma criança curiosa que investigava aquele objeto estranho. Timmy era o filho do comandante da investigação do Alien. Quando Loviu chegou mais perto, o rapaz não o temeu, pois não tinha medo de extraterrestres. Eles conversaram, Loviu contou-lhe a sua história e Timmy decidiu ajudar. Tinham tudo planeado para salvarem Amora mas Loviu foi descoberto.

Por sorte prenderam-no ao lado de Amora.

-Fui um tolo, -disse-lhe Loviu. -A culpa foi toda minha, eu não devia ter-te tratado mal.

-Eu perdoo-te! -Disse Amora, -O teu amor é tudo o que preciso para viver.

Os cientistas preparavam-se para analisar os extraterrestres e ver o seu interior. Loviu, apercebendo-se do perigo chamou toda a sua força interior e soltou-se, soltando de seguida a sua amada. Fugiram então para o seu planeta.

E, como nos contos, viveram felizes para sempre. Agora, de Loveonia emanam raios cor-de-rosa avermelhados como prova do seu amor.

Bullying

Renata Correia | 9ºD

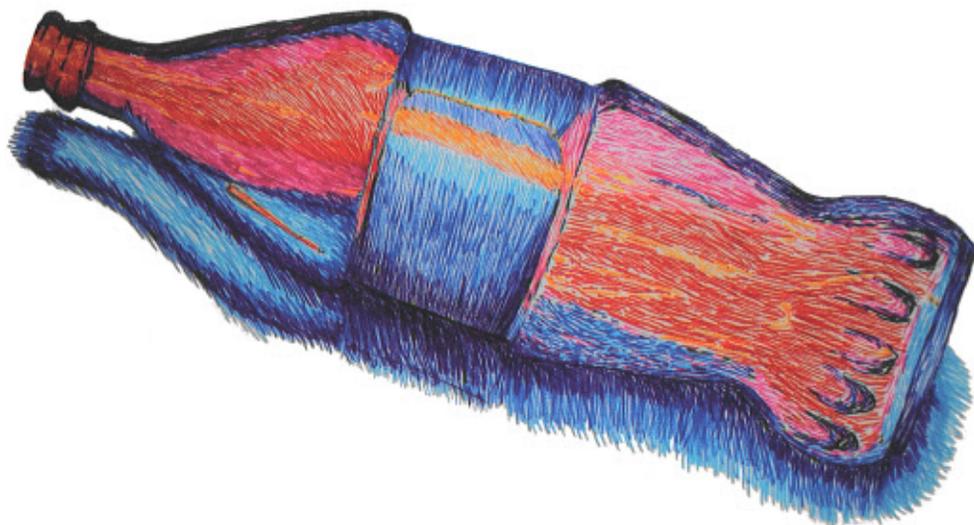
O bullying é um ato de cobardia praticado por pessoas com pouca maturidade e com características agressivas.

Normalmente, quem o pratica não tem um motivo justificável. Os agressores procuram pessoas tímidas que sejam incapazes de se defender. Mas porquê? Estas pessoas têm coração, sentimentos, por isso porquê tratá-las mal, só por tratar? Por trás da timidez pode estar alguém cheio de talentos e capacidades, incapaz de as desenvolver por causa da nossa sociedade, que os inferioriza.

O que pode começar por uma brincadeira torna-se muito grave, com consequências negativas para as vítimas que ficam com pesadelos, medos, angústias, sentindo-se isoladas, num mundo só seu. No entanto, é quase impossível viver sozinho sem ninguém para falar, para amar, para contar os seus segredos, viver os seus melhores momentos. Por isso, se conheceres uma vítima de bullying, não a ignores, pois pode estar aí um verdadeiro amigo. Ajuda-o a sair do seu mundo isolado e a enfrentar o mundo real, onde também há amizade e amor. Se tu sofres de bullying mostra a quem te maltrata que tens valor e mereces ser respeitado, independentemente da tua classe social, orientação sexual ou aspeto físico.

Apesar de este ser um tema muito abordado nos vários meios de comunicação, muitos jovens ainda não se consciencializaram de que a prática de bullying traz consequências muito graves para o futuro de qualquer um.

Tu podes fazer a diferença, por isso não sejas preconceituoso e acaba com o bullying.



Eu sei

Henrique Carneiro | 9ºE

Sempre me disseram que tudo o que é bom tem um fim e que o que é mau também acaba. Porém, por muito que eu queira, não posso garantir tal coisa.

Ao longo dos anos, muitos de nós têm experienciado momentos e fases difíceis aos quais poucos têm coragem suficiente para escapar. Estes momentos repetem-se todos os dias, levando-nos a acreditar que estamos encurralados no tempo, que vivemos o mesmo dia, vezes sem conta.

Eu sei que nem sempre é fácil conseguir aceitar a nossa aparência, os defeitos que temos ou até mesmo os dilemas que somos obrigados a enfrentar diariamente. Não há que ter vergonha de quem somos, de como somos ou de quem poderemos, eventualmente vir a ser. Não é necessário. De todo!

Alguns de nós procuram alguém com quem desabafar. Alguém em quem confiar. Um ombro para encostar a cabeça e chorar. Chorar para libertar a alma de todo o sofrimento e solidão, de todas as impurezas que carregamos. A culpa não é nossa. A culpa é de quem nos faz sentir mal no nosso corpo, de quem nos insulta até ao extremo! A culpa pertence aos que não têm noção do quão grave são ou foram as suas atitudes. Foram, porque algumas vezes é demasiado tarde. Por vezes não aguentam, entregam-se totalmente e de livre vontade ao sono profundo e sem fim.

Dentro de mim, num lugar distante da minha consciência, nos meus pensamentos eu sei que vai acabar. Eu sei que vai. Eu sei!



O Poder do Amor

Carolina Brandão Neves | 8ºB

O homem, desde sempre, teve sentimentos. Sentimentos variados de ódio, alegria, tristeza ou amor. Todos eles são importantes para que sejamos felizes. Para que tenhamos uma vida repleta de emoções, que mais tarde possamos lembrar. Nesse percurso, amamos muitas pessoas, visto que o Amor é o sentimento mais importante.

Não somos nós os humanos, os únicos a amar. Os animais também amam. Cada ser tem a sua maneira de amar, diferente e especial. Este amor é como uma tela em que todos são amados.

É algo inexplicável que não se vê nem se cheira, apenas se sabe o que é porque o sentimos. Sentimo-lo quando nos preocupamos com alguém, quando tomamos atitudes tendo em conta esse momento. Pequenos atos como um beijo ou um abraço, mas que nos fazem sentir bem. Contudo, por vezes, nem sequer precisamos de um beijo, basta sabermos que podemos contar com um amigo, pois a amizade é amor e o carinho também.

O amor é poderoso, provoca sensações de conforto, bem-estar... Por isso devemos amar e ser amados. A terra sem amor não seria terra!



Maria Pirata

Mariana Pereira | 7ºB

Coragem... Uma das inúmeras palavras que ouvimos frequentemente na vida, que deixam um eco de voz guerreira e distante gravado na memória, cravejado no coração. Coragem, uma palavra curiosa que surgiu do latim "cor" e que significa coração. Coragem, uma palavra derivada da simplicidade e insignificância do vocabulário das pessoas e que, porém, se mergulharmos e nos aventurarmos no seu verdadeiro significado encontramos um Mundo repleto de pureza, extravagância ou simplicidade; uma dimensão limitada pelo imperfeito contorno das suas letras delicadas para aqueles que se trancam na solidão e fecham as portas à aventura da vida ou uma dimensão infinita para aqueles que seguem o caminho do coração. Coragem, uma palavra grandiosa que nos transmite uma ideia de poder, força, ousadia e bravura, mas que se aplica também aos pequenos grandes obstáculos que nos surgem, por vezes, na vida e que são difíceis de ultrapassar... O que é, afinal, a coragem?

Esta é a história da Maria Pirata!

A noite escura caminhava lentamente sobre a rua de Maria, iluminando-a com sonhos e adocicando o seu sono com pedacinhos de magia e riachos cristalinos de imaginação. A menina, um pouco ensonada, deixava-se embalar com o som daquele meigo tamborilar de pingas gordas de imaginação que deslizavam sobre a sua almofada, enquanto a fantasia penetrava sorrateiramente nas sombras do seu quarto e a fazia sonhar, sonhar, sonhar... Sonhava com uma pirata loira e desajeitada que percorria destemidamente os sete mares em busca dos mais valiosos tesouros...

De súbito, o seu sorriso e toda aquela agradável magia são apagados devido a uma horrível sensação de pânico e agitação que, inconscientemente, lhe apertava o coração com cada vez mais força. O quarto de Maria começou então a rodopiar, a rodopiar e a rodopiar pelos ares sob a fúria de um vento gélido e perigoso. A tinta começou a descascar-se das paredes. Estas, aparentemente nuas e infelizes, ficaram rachadas, tudo começou a cair dos armários e prateleiras, a partir-se em mil pedacinhos, a deslizar descontroladamente pelo tapete branco e a ser agredido pelo próprio chão. Tudo acontecia tão depressa como se o tempo quisesse escapar das mãos encardidas de um gigante e como se a sua casa estivesse a ser destruída por mil facas ao som de uma grande azáfama e de estrondos ensurdecedores.

Até que... SPLASH! Numa fração de segundo, o quarto de Maria já não se debatia furiosamente contra o ar, começara a flutuar embalado numa melodia ondulante sobre algo leve e fluido, e um doce perfume a maresia invadiu a pequena divisão. A tremer que nem varas verdes, a menina tentou a todo o custo ignorar a enorme bagunça que se estendia em redor daquele pesadelo e, qual

não foi o seu espanto quando se observou através de um espelho partido e quase nem se reconheceu a si própria! O vidro translúcido e brilhante refletia a imagem de uma rapariga com uma enorme cabeleira despenteada que se olhava admirada com os seus grandes olhos azuis e cujo cabelo dourado caía pelas costas abaixo numa cascata de caracóis rebeldes que se enrolavam como pequenos búzios e que faziam lembrar uma rede emaranhada repleta de peixes a flutuar em pleno mar. Estava vestida com uma túnica branca, vermelha e preta amarrada por um cordel grosso e castanho-claro, quente e mágica cor que preenchia as suas botas pontiagudas e de tacão alto, conforme a moda dos piratas. Vestia também umas calças demasiado largas, com um enorme rasgão na perna direita e trazia um chapéu preto de capitã. Na sua orelha direita encontrava-se uma grande argola de ouro na qual se estava pendurada, ridiculamente, a estátua de um papagaio de um verde tão vivo como o despertar da primavera, com asas lilás como o teto de um jacarandá que cintila um roxo de Páscoa.

Tudo aquilo era muito estranho, e o seu aspeto físico fazia lembrar a pirata loira dos seus sonhos. De súbito, lembrou-se da sua família e dirigiu-se imediatamente para a maçaneta prateada da porta, como o brilho do luar numa noite sem estrelas. Com todo o cuidado, Maria abriu lentamente a porta, e eis que, em vez das escadas que se encontram em frente ao seu quarto, deparou-se então com o interior de um grande navio. Por todo o lado, havia objetos raros e valiosos repletos de segredos e antiguidade e aquele espaçoso navio era preenchido pela harmonia das canções entoadas pelos marujos, aparentemente crianças da sua idade, enquanto limpavam e lavavam alegremente o convés.

-Olá capitã. -saudou o pássaro com uma voz divertida e esganiçada.

-Aaaaah!!! -A menina assustou-se de tal maneira que não conseguiu evitar um grito estridente que ecoou por toda o barco, e tão alto, tão alto, que o papagaio deu um pulo e pôs-se aos pinotes em cima da sua cabeça.

Rapidamente Maria percebeu que a ave, que, até àquele momento julgara ser uma estátua de pedra, era de facto um papagaio verdadeiro, chamado "Tesouro" e, que, pelo que ele lhe explicara, durante o furacão o seu quarto foi a divisão mais atingida e, por isso, separou-se violentamente do resto da casa, tendo rodopiado pelos ares numa dança graciosa até chegar ao outro lado do Mundo onde tudo era possível. Assim, para chegar a casa, teria de viver as mais arriscadas aventuras e encontrar os mais valiosos tesouros como prova de coragem e dedicação à sua nova vida de pirata. Depois, encontraria o feiticeiro mais poderoso e mais falado de sempre neste Universo e, graças à sua magia, voltaria a ver a sua família, amigos e todas aquelas belíssimas paisagens que lhe eram bastante familiares e preenchiam as suas memórias de maravilhas e lágrimas de saudade...

Durante sete dias e sete noites, viveu como uma autêntica pirata, tendo navegado com os seus leais marinheiros em pleno mar e explorado terras desconhecidas em busca de grandes tesouros. Correu grandes perigos e enfrentou-os corajosamente na esperança de regressar a casa e voltar a ver a sua família. Quando, finalmente, acharam o feiticeiro, Maria e os restantes piratas entregaram-lhe os tesouros que encontraram e pediram para voltarem para as suas casas. Numa onda de água salgada e, como que por magia, de repente, a menina estava de novo no seu quarto, sem saber ao certo se acabara de sonhar ou tudo fora real. Mas de uma coisa tinha a certeza: a sua intensa vontade de regressar a casa e de trazer os seus marujos a "bom porto" fez com que, dentro de si, florescesse uma pequena sementinha e desabrochasse o verdadeiro sentido da coragem. Sentido este que a incentivaria a ser ela própria e a seguir o caminho do seu coração; a embrenhar-se nas inúmeras aventuras da vida e a nunca desistir dos seus sonhos...



Amar

José Pedro Miranda da Costa | 9ºA

Amar sem magoar
Será que o amor trocou de conceito?
Pensava que ias ser o meu par
Neste amor-perfeito.

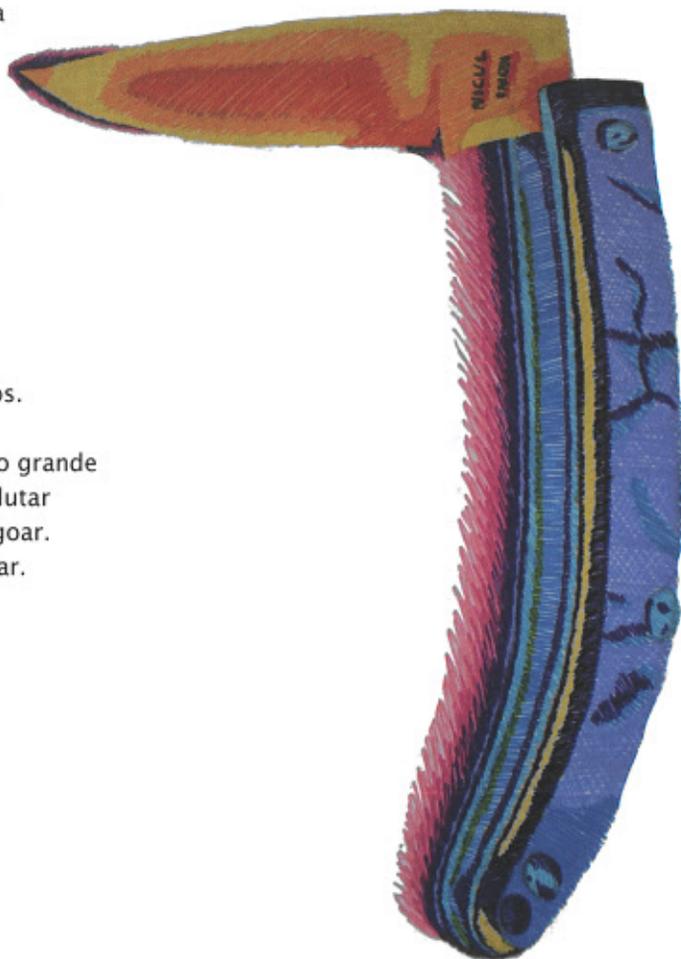
Amei-te com todas as letras,
Com amor e paixão.
Num amor de violetas
Não estava pronto para esta traição.

Nesta tua partida
Traição sem perdão
Entrarei numa guerra infinita
Com o meu coração.

Amar-te foi fácil,
Esquecer-te foi difícil.
Nunca mais estarás comigo,
Neste mundo perdido.

O amor completa-nos
Com felicidade e tristeza.
Eram estas tretas,
Que nos diziam em pequenos.

Sinto-me só neste mundo tão grande
Por mais nenhum amor vou lutar
Pois mais não me quero magoar.
Parece que isto é o novo amar.



Tudo e Nada

Mafalda Neiva Leal | 8°C

É um olhar,
Uma palavra,
Um toque,
Um beijo,
É tudo e não é nada!

Chama-se amor
Chama-se,
Chama-se tudo
E não se chama nada!
Chamam-lhe assim!

UM e um diz-se dois
Eu e tu diz-se nós
Diz-se tudo
E não se diz nada!

Dá para rir e chorar
Impressionar e desiludir
Abraçar e beijar.
Dá para tudo
E não dá para nada!

Mas é giro, vê-se
Emocionante, diz-se
Inspirador, ouve-se
Aconchegante, sente-se
Mas não é nada!

Soletre-se assim:
A-M-O-R
Lê-se desilusão,
Arrependimento, revolta
Soletre-se tudo
E lê-se nada!

É tudo, chama-se tudo
Diz-se tudo, dá para tudo,
Soletre-se tudo
Mas tudo não é nada!

É amor o que consta por aí
Mas no fundo sente-se por poder
E assim sobre nós está ele,
O poder do amor!



Diz que sim

Eduarda Santos | 9°C

Antigamente era diferente
O que havia era verdadeiro
Agora só restam bocados de amor

Mas afinal o que aconteceu?
Onde é que viemos parar?
O jardim desfloresceu,
Já não temos forças para continuar.

E eu quero-te dizer
Que desta vez vai ser diferente.
Será que vais embora
Ou ficas permanentemente?

Então diz-me que sim.
Estou aqui
E nada nos vai separar
Nem dividir.

Eu quero estar
Junto a ti.
Estou aqui
Ao pé de ti.

O que é o amor?

António Matos | 8°C

Conheci uma rapariga
E acho que estou apaixonado.
Será isto mesmo amor?
E se sim, qual o seu significado?

Mas o que é afinal o amor?
Será o inferno?
Será o paraíso?
Controla-se cuidadosamente?
Ou vai-se no improvisado?

Há quem lhe chame ilusão.
Há quem lhe chame modo de vida.
Há quem lhe chame o melhor
dos sentimentos,
Uma odisséia divertida.

Chamem-me louco.
Talvez esteja enganado,
Mas e se o amor
Não tiver bem um significado?
E se for todo ele uma metáfora?
Uma com forte valor.
Tão simples,
Mas ao mesmo tempo tão complexa,
Que qualquer mente fica perplexa
Ao tentar perceber o seu esplendor.

E talvez seja isso,
O que chamam de amor.

Bullying

Liliana Giesteira | 9ºD

Talvez algo fácil de dizer,
Difícil de compreender...
O quanto alguém pode sofrer
Sem uma única palavra dizer...

É sofrimento num coração destroçado
Que não sabe para que lado há-de ir...
O que mais deseja é poder sorrir
Sem precisar de pedir.

Pode causar perda de brilho no olhar
E dar lugar a um choro sem parar...
Que inunda o nosso coração
Sem pedir autorização!

Ah! Marcas escuras também
podem deixar
Que apesar de se poderem curar,
Da memória, ah, pois!
Ninguém as pode apagar...

Dor, dor, dor e mais dor!!
Quem dera que houvesse um apagador
Para acabar de vez,
Com tal pavor...

Às vezes não estamos preparados
para sofrer
Que é como se fosse um dia de sol,
Em que de repente começa a chover
E não temos nada para nos proteger...

Mas afinal de que estou aqui a falar?!
Perdida, perdida nas palavras
Que muito me fazem pensar,
Há tanta gente que é preciso ajudar...

Esses apenas buscam alguém
para os levantar
Para os amar, amar e amar...
Procuram alguém que não os deixe cair
Para que um dia, mais tarde,
possam sorrir...

Lembra-te: a vida não foi feita
para sofrer
És como és, não como querem
que sejas...
Ama-te!
Vive a vida!

Sorri, chora, faz e refaz...
Sente, procura, fala e diverte-te...
Mas lembra-te, para além de seres feliz
Espalha essa felicidade aos outros!!

Não discrimines...
Não faças chorar...
Não faças sofrer...
STOP BULLYING!!





escalão

Prosa/Poesia



“Se procuras o mar, procura-o em segredo”

Joana Alexandra Ramos | 10ºD

Se o enigma da vida
Te leva a refletir,
Uma frase sentida
Te levará a agir.

Se a saudade
Te está a apertar,
Vai,
Não hesites em procurar.

Se procuras amar,
Procura-o sem medo
Não deixes o amor
Escapar-te entre os dedos.

Se procuras o mar,
Procura-o em segredo
Para que não lhe permitas
Fugir-te entre os rochedos.

Segredos do mar

Sara Carolina Dinis Gonçalves | 12ºB

O mar contém
Os mais variados segredos.
O mar é
Um conjunto de vazios
E um vazio de imensidões.
O mar não é de confiança,
E simultaneamente é
O meu melhor confidente.
Ele é perigoso
Inofensivamente.
A sua transparência
Acalma-me;
A sua violência
Revolta-me.

Nele me perco
E nele me encontro.

Procuro-o,
Procuro-o não somente por prazer,
Procuro-o...



Tanto...

Diana Carvalho | 10ºB

Tenho tanto para te dizer
Tantas palavras perdidas no ar...
Guardo conversas infinitas
no silêncio do teu olhar.

Perco-me no teu sorriso,
na tua doce e profunda gargalhada...
Imagino momentos infinitos
saídos dos contos de fadas...

Tenho na memória
todas as conversas,
sentados no banco...
As tuas palavras de forte timbre,
Sempre cheias de esperanças...

És tão complicado!
Tens sempre duplo sentido!
Desejas o que desejo
ou tens-me sempre mentido?

Letras

Andreia Moreira | 11ºB

Letras amontoadas,
espalhadas no chão,
caídas, perdidas,
faladas em vão...
Batidas, desfeitas,
sem uso ou razão.
Palavras meigas, amadas,
quebradas pela desilusão...
Batidas, desfeitas,
sem uso ou razão.
Frases queimadas,
abandonadas pela solidão...
Estilhaços deixados
no meu coração.



Hoje procuro...

Ana Rita Agra | 10ºD

Hoje, sim hoje, o dia está cinzento. O sol ainda não espreitou, ou talvez seja eu que não consiga ver o quão belo está o dia! Sou eu que estou melancólica e aborrecida? Talvez sim, talvez não. Talvez seja normal ou estranho. O certo é que não há motivação. Parece que desde que foste embora, nada voltou ao mesmo. Não é que me faças falta, mas porque insistes em aparecer constantemente? Estou no meu canto, sozinha. Deparo-me com a tua imagem, o som embalador da tua voz e o meu coração vai começando a bater mais lentamente, como se estivesse a dar os últimos sinais. Tu, sim, és culpado da minha tristeza, és o culpado pelo meu estado neste momento. Tiraste a cor aos meus dias, quando eu mais precisava de tê-la. O que antes era vivo, colorido e imenso, hoje transformou-se em preto e branco, como um túnel sem saída. Eu não quero que voltes, por muito que ainda vivas em mim, eu não quero cair no mesmo precipício. Quando passar por ti não penses que tudo dentro de mim vai desabar, porque não te vou demonstrar o que mais queres.

Em tempos certos, eu tentei, juro que tentei desculpar-te, mas agora não existe aquela luz que me leva até ti. Em segredo, procurei encontrar-te novamente, mas sempre que estava prestes a fazê-lo, voltava atrás e ia parar à praia. Não me refiro concretamente à praia, mas sim ao mais bonito que lá existe... O mar! Sim, esse sabe guardar todos os meus segredos, só ele sabe o que se passa comigo e sem que ele me diga, sei que não há mais ninguém que melhor guarde os meus segredos, ele é o meu confidente. Identifico-me com os seus dias de revolta, com aquelas ondas gigantes que transformaram a minha vida, que quase me deixaram sem respiração. E os seus momentos calmos são aqueles em que não estás na minha memória, quando estou num lugar longínquo, sem ti, sem a entoação persistente da tua voz na minha mente. Tendo em conta que, agora, tudo o que sinto foi "pintado" num papel, peço-te e espero que tenhas consciência de que não quero que voltes, mas ainda te procuro em silêncio, vezes sem conta, tal como procuro o mar quando os meus pensamentos se enredam em ti.

O mar

Sofia Lopes Leite | 10ºD

Mais valioso do que qualquer tesouro, mais misterioso do que qualquer mistério, maior do que qualquer imensidão, o mar.

Revolto, tranquilo, profundo, azul, inspirador é tudo aquilo que o mar é e nos transmite; o mar tem também esse poder de comandar o nosso estado de espírito ou de ser o nosso maior confidente.

Cada pessoa tem dentro de si curiosidades sobre o mar, curiosidades que jamais o mar revelará. O mar é como nós, tem dias bons e maus, há dias em que está calmo e azul, há outros em que a revolta se funde com as suas águas azuis e apodera-se da sua alma. As suas profundezas são guardiãs da maior biodiversidade e guardam muitos dos seus segredos.

Porém, cada um de nós vai em busca destes, mesmo que isso pareça impossível. Nós, os seres humanos, precisamos do mar para viver, é uma parte de nós, é algo que nos completa, como se fosse um olho, uma mão... De vez em quando, aqueles mais aventureiros partem em busca dos seus segredos, embora muitas das vezes sejam atraídos e, por isso, não voltam para os contar. Os que cá ficam choram e as suas lágrimas enchem as águas do mar e, nesses dias o mar percebe que juntos somos um.

Todos nós viemos do mar, mas nem todos somos do mar, cada um de nós tem uma ligação diferente com ele e ninguém nos pode julgar por isso. Só alguns de nós o compreende.

Efetivamente, o mar é um dos nossos alicerces, se desabar nós desabamos! Portanto, não se deve subestimar o mar, porque ele é uma "caixinha de surpresas" e essa, tal como o nome diz, tende a surpreender-nos!



Palavras perdidas

Beatriz Alícia | 10ºG

Por que é que a vida é injusta?

Nós fazemos tantos planos, que mais tarde não resultam como planeamos.

A dor que sentimos, de que serve? Porque sofremos? Por que é que a vida não pode ser perfeita? Porquê? Tantos porquês e nenhuma resposta.

Tanto choro, tanta raiva, tanta mágoa... Para quê?

Tenho vontade de arrancar estas sensações más que transbordam do meu corpo... Porque não posso ser sempre forte? Para que servem estes fantasmas que atormentam as pessoas? Se Ele realmente existe... porquê tanto sofrimento?

Às vezes, também os adultos se esquecem rapidamente do seu passado, de que foram jovens e, agora, não entendem o sofrimento dos mais novos nem fazem esforço para o entender: se veem uma rapariga a chorar... "Foi o namorado?"... Porquê?

Não raras vezes ainda agravam mais as situações... Fazem-nos sentir inúteis, fúteis... Talvez, devessem olhar para trás ou fazer um esforço por perceber como é sentir-se vazio, no escuro, ter a sensação de perdido, sem rumo!

É assim que, infelizmente, muitos de nós, adolescentes, nos sentimos, às vezes, só porque ainda não crescemos e precisamos de um pouquinho de atenção. Mas falem, abracem-nos e respeitem-nos... Não se limitem a criticar, nem a julgar. Simplesmente, ouçam e abracem, vale mais esse gesto do que tudo aquilo que possam dizer!

É certo que nem sempre a vida corre como queremos. Mas temos de viver com isso, mesmo sendo difícil de aceitar.

Acredito que há sempre alguém especial com quem podemos falar e desabafar.

Não podemos ter medo... O medo é a barreira que teremos de ultrapassar.

Por isso, por vezes, temos de PARAR, RESPIRAR e RECOMEÇAR, palavras-chave para podermos seguir em frente e viver em paz!

Descobre-me

Maria Eduarda O. Castro Rodrigues | 10ºG

Descobre-me, desvenda-me, mas não me conclusas. Encontra-me e faz-me esquecer de mim mesma, como o mar esquece as ondas outrora abandonadas na maré baixa. Vivamos ao sabor da maré, sem preocupações ou limitações. Todos temos um pouco de azul dentro de nós, basta mergulharmos. Mergulha em mim e desvenda o que eu ainda não descobri. Permanece submerso no que eu sou e construamos juntos o que seremos. Seremos tudo, e ao ser tudo não seremos nada. Um sopro de tudo o que nós fomos e do que ainda seremos. Mergulha novamente e desvenda os continentes do mundo que eu sou. Abandona o teu mundo de dissabores e vem para o meu. Desvenda-me em segredo, com o mesmo secretismo do mar em cada onda quebrada. Faz de mim teu horizonte e mantém-me infinita. Afoga-me nas lágrimas que temeste libertar, e salva-me como se a razão das lágrimas não fosse eu. Descobre-me, desvenda-me, mas não me conclusas!



Querido Avô

Rita Mafalda Magalhães | 10ºH

Procuro-te mas nunca mais te encontro. O Mundo caiu aos meus pés e tento fingir estar bem, quando só me apetece desaparecer como tu desapareceste.

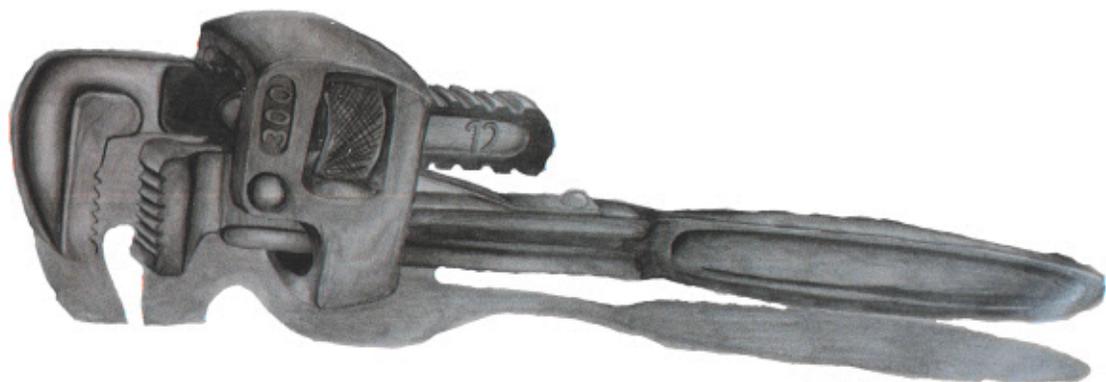
A Morte e só a Morte do corpo, porque a Alma, essa é imortal. Mas de que me serve a Alma se não te posso mais abraçar? Se não posso nunca mais falar contigo? É injusta a maneira como me obrigas a viver o resto da minha vida sem ti, aqui.

Como eu queria que estivesse, de novo ao meu lado, e a contar-me, com todo o amor que tinhas para me dar, a forma como o Mar embala os navios. Os teus olhos brilhavam de orgulho. Dizias que davas a vida por ele... e foi exatamente o que aconteceu. O Mar levou-te de nós, tirou-te de nós. Chorei tanto que não sei como não formei eu próprio um Mar. Mas este Mar não iria cumprir os seus acordos de empréstimo, e ia deixar-te ficar aqui eternamente. Infelizmente, Deus sabe o que faz e retoma sempre tudo o que é Seu. Pertencemos-Lhe e a Morte é isso mesmo. A Morte é o final do empréstimo e após isso cada um retorna para onde pertence.

Meu querido avô, passou um ano desde que te foste. Levou tempo a assimilar que partiste e que não voltarás. Mas eu continuo a ouvir-te, pois és a minha consciência e continuo a sentir-te, pois és os raios de sol que todos os dias me aquecem a alma. Acima de tudo continuo a ver-te. És todas as ondas que compõem um Mar. O Mar, quero eu dizer, o tão conhecido, forte e poderoso Mar, mas também o magnífico, belo e estonteante que a todos derrete o coração e alegria o dia. Está na altura de eu viver a minha vida ao máximo tal como tu me ensinaste. O Destino, um dia, tratará de nos fazer reencontrar. Não sei se pertençia ao Mar como tu, mas uma coisa te garanto: se filho de peixe sabe nadar, que o Mar me leve porque nadarei o quanto for preciso para te ver de novo.

Um até já com toda a saudade do Mundo,

A tua neta.



Crescer

Ana Margarida Curval | 11ºB

Hoje, olho-me ao espelho e nem me reconheço, só vejo cores e formas, não vejo para dentro, o interior é inócuo e insípido. Tirem-me da frente esta pessoa que não reconheço, já não vejo brilho nos olhos dela, já não vejo ambição, determinação. Enxergo bem no fundo da minha memória com uma cor bastante esbatida o meu pai. Ai se eu o tivesse ouvido... Sabes meu pai? Ainda me lembro da história do menino mais pequenino do que eu, que sempre contornava as situações de que tinha medo ou havia fracassado. Depois dessa história, a minha alma entrava numa plenitude de espírito de sacrifício e exigência. Ainda me recordo quando faltava ao colégio porque já na rotunda perto da autoestrada dizias "Ei, esqueci-me de te levar" e aí, eu sentia-me mais importante do que qualquer primeiro-ministro porque ia contigo trabalhar como uma adulta e mal esperava para poder ser realidade. Tu dizias-me "Não tenhas pressa em crescer, só há magia em ser-se criança", mas eu ignorava. Obrigada por não te chateares comigo quando pedia, e prometia pela milésima vez um gelado que iria comer até ao fim, mesmo só o querendo para ficar com o pinguim. Não tenho palavras para mostrar a minha felicidade, a minha exaltação quando por magia batias palmas enquanto conduziavas e eu pensava " O meu pai é, sem dúvida, o melhor do mundo! Como é que ele faz aquilo?!" e isso sempre permaneceu até à data, no segredo dos Deuses. Ai como éramos felizes, meu pai! E eu que queria crescer!... Gostava particularmente quando chateávamos a mãe e com bastante esforço conseguia dormir no conforto dos teus braços e, no dia seguinte, sorratamente pela manhã escapulíamos até a sala para ver desenhos animados. Agora estou rodeada de trabalho e preocupações, de letras pretas em papel branco, cheio de conhecimento ambíguo e indubitável. E eu que queria crescer... Nada me enche a alma como antes. Como é possível eu ter querido crescer? Aprendi, com toda a consciência e ser, que tudo é efêmero e transitório e não há outra eternidade senão a do momento que passa. E agora que tenho o que sempre quis, já não sinto a liberdade da alma como outrora havia sentido, como se lhe quisesse chegar e cada vez que a vejo mais perto torna-se uma realidade tão distante. Ai como eramos felizes e eu nem sabia! Bem dizias tu que só havia magia em ser se criança. Juro que para a próxima te ouço!

O pescador

Beatriz Barroso | 11ºH

Não há grandeza na terra que não se vergue ao esquecimento nem força que não amoleça perante a eternidade. Assim foi com o homem de que hoje vos falo. Outrora, um promontório implacável contra os ventos e marés; hoje, uma velha carcaça à espera de afundar.

Um rosto marcado pelo tórrido sol a que o seu ofício o expôs, os olhos cerrados habituados à névoa da madrugada, as mãos largas, escuras e vincadas pelas redes que tanta glória um dia lhe trouxeram e que, no presente, com tanta mágoa lhe sustentam o coração. Algo curvo, como as ondas do oceano, que se precipitam para si mesmas e em si mesmas se precipitam. As suas vestes desbotadas pelo sal, por tão simples e rudimentares que eram, mas que tão inevitavelmente indispensáveis se tornavam, traziam à memória as embarcações de uma época não tão longínqua quanto seria expectável, mas suficientemente distante para se tornar inalcançável (afinal, não importa se passou um segundo ou um século, o passado tem destas coisas de ser intocável e impenetrável, já que a partir do momento em que o presente deixa de o ser, torna-se irremediavelmente necessário aceitar a condição de que para ele não voltaremos, por mais insistentes que sejam os nossos esforços).

Um mau barco também serve para pescar, cabe aos seus tripulantes assim o fazer; como uma má roupa serve na mesma para vestir, cabe a quem a usa a ela se acostumar. O frio já se havia entranhado há muito; primeiro na pele, depois nos ossos, e finalmente na alma. De que servem bons trapos a um velho que já só deseja a morte e cujo corpo já não estranha o gelo e a chuva?

Sempre que chegava, trazia consigo uma mão cheia de histórias para contar, que se ouviam por toda a vila e se repetiam de boca em boca, de casa em casa. Apreciava a serenidade que o rodeava, os sinos, os sermões nas igrejas, as saudações de quem o conhecia e se espantava com tal ser tão astuto e indomável. Casou jovem, como quase todos naquela época, mas o seu casamento não deu frutos por motivos desconhecidos. A mulher morreu poucos anos depois da união. Soube da notícia mal pousou o pé na terra. Vieram as peixeiras, o padre, os companheiros, e até homens engravatados com influência na política local prestar-lhe condolências, de tão conhecido que era o homem e tão sabido era o seu amor pela esposa. Depois do funeral, não voltou a entrar em igreja ou capela que fosse, como se a revolta contra os santos de algo lhe servisse. Desde então passou a ansiar pelo fim. Tornou-se num homem cruel, escasso nas palavras, impaciente, feroz. O seu desamor pela vida tornou-o, diriam quase todos, num ser carrancudo e sempre mal-humorado. Mas os mais perspicazes seriam capazes de notar a bravura que o tomou e o tornou inigualável frente ao mar. Já não tinha medo de morrer, já não tinha pelo que viver, já não havia por

quem rezar. Logo no dia a seguir ao falecimento da esposa, percebeu que a única maneira de voltar a ver seria partindo para o outro mundo incógnito que a morte a todos reserva, e que seria mais compensador esperar por esse dia do que pelo retorno do passado.

Assim, e despropositadamente, tornou-se num dos maiores pescadores da época, tanto pela técnica e pela astúcia como pela coragem e loucura desmedida. Tantas vezes pensou “é agora”. Mas nunca foi. Aos poucos, começou também a menosprezar o oceano por não encontrar nele o que queria. Considerava-o incapaz e insuficiente. Questionava-se sobre a ironia do mundo, sobre todas as vezes que colegas seus imploraram aos céus e as suas preces não foram ouvidas, e o mar para eles se abriu e os devorou como um monstro guloso cuja fome jamais se saciará, e porque não a ele, tão insurreto e desafiador, porque não levar a alma de um pobre pescador a quem o mundo dos vivos já não tem nada a oferecer. “Por punição divina”, pensava. Mas para essa questão, até hoje não houve resposta.

Assim andou por muito tempo, até que decidiu deixar definitivamente o trabalho, talvez por não dar o produto desejado, talvez pela corrosão dos anos, talvez por nenhum motivo em concreto. Passava os dias sozinho, indiferente ao tempo, ao sol, à chuva, à vida. Esperava continuamente. Recordava com carinho épocas douradas em que era conhecido por ser dos mais capazes e eficazes no meio da pesca. Lembrava-se do sabor do sal, da luz do farol a penetrar na treva da noite, do rosto da mulher lavado em saudade. Revivia o gosto de viver. Mas era uma memória demasiado distante.

Certa tarde, sem mais nem menos, decidiu voltar àquele que em tempos foi o seu lar. Caminhou até ao porto de pesca, em passo lento, como sempre. Reparou nos comentários laterais, de pescadores que em tempos conhecera e que o admiravam, e nas exclamações de espanto de homens mais novos. “Isto está tão diferente” sussurrou. E estava. Muita coisa mudara nos últimos anos. Já existiam embarcações bem equipadas, muito pouco semelhantes às que ele estava habituado. Já não se ouviam os coros improvisados e os cantos populares por toda a barra. Já não via as mulheres de saia e avental e com panos a tapar o cabelo, a segurarem as cestas carregadas de peixe à cabeça, nem a tecerem e a remendarem as redes para os seus maridos e familiares. Caminhou então até a umas escadas de ferro, pregadas a um lado do cais, e alcançou um barquinho, certamente abandonado, assim concluiu o homem por ser tão antigo e se encontrar em tão mau estado. Era um barco a remo, onde só cabiam no máximo dois tripulantes. E com o que lhe restava de forças, começou a remar. Atravessou todo o porto, ultrapassou o promontório, e continuou até onde

pôde. Estava um dia surpreendentemente ameno, com pouco vento, e o mar aliava-se a este.

O homem então parou, esticou-se para trás, e começou a falar: "Fui miserável a vida quase toda. De tantos irmãos, fui o único que fiquei nesta terra e nela me arruinei. Se soubesse o que sei hoje, teria feito como eles e decerto estaria menos só. De todos eles, só eu me apaixonei pelo mar e só eu fiquei viúvo. Estão todos casados, com filhos, bem gordos e bem bonitos. E eu, que fiquei aqui, sou só pele e osso e só guardo memórias dentro de mim. Perdi a vida toda a olhar para ti, primeiro a temer-te, depois a desejar-te. Deste-me sempre tudo, menos o que te pedia. Em vez de amar a minha mulher e aproveitar enquanto ela cá esteve, amava-te mais a ti e para ti sempre corria quando tinha oportunidade. Por isso a perdi e nunca me perdoarei por tal. Já não sei há muito tempo se Deus existe, mas tenho quase a certeza que foi ele que me condenou a um destino tão amargo quanto tu." Passavam por ele os barcos maiores e melhores, e os pescadores mais jovens gritavam "Que estás aí a fazer? Sai daí, seu velho!", mas ele preferia não os ouvir. E continuou o desabafo. "O mundo tem destas ironias. Não sei por que volto sempre a ti se não é em ti que eu quero estar." Aos poucos, a brisa suave fez-se sentir agitada e os raios solares adentravam por nuvens cinzentas. O mar, sempre em harmonia com o estado do tempo, ficou também turbulento. Como o homem já tinha desistido de remar há muito, o barquinho andava à bolina, empurrado pelas ondas, levado pelo vento. Viu passar por si novamente os barcos grandes e bons, desta vez retornavam, e desta vez os pescadores nada lhe disseram. O homem sabia que o tempo estava a mudar. Em poucas horas, provavelmente, irromperia uma tempestade. Mas não se importou. Ali, afastado da monotonia que era a sua existência, a passagem do tempo não lhe causava mais transtorno. Observava as gaivotas irritadiças, entretidas na azáfama da sua insignificância, a pescarem o alimento e fugirem dos seus semelhantes para não ficarem sem ele. Aos poucos, também elas abandonaram o oceano para se abrigarem em terra. "Tomamos todos rumos distintos que levam todos ao mesmo destino."

No cais, várias pessoas se haviam amontoado a observar o velho. Ninguém percebia o porquê de ali estar. Chamavam-no, faziam gestos com as mãos, prometiam-lhe socorro imediato. Mas ele não ouvia. Ouviu a ronca a ser acionada, aquele ruído ensurdecedor que só se dá quando o nevoeiro é demasiado cerrado, e nem por um segundo pensou em retornar à segurança dos dois braços de pedra da barra, embora não estivesse muito longe deles. Um dos homens gritou: "Aguenta! O socorro há de vir!" Pensavam eles que lhe tinha dado um ataque ou coisa semelhante e que por esse motivo o homem estava incapacitado

de se mover e salvar. Mas não estava. Estava antes ancorado na sua consciência, naufragado nas suas reflexões; mas tal realidade era impercetível aos olhos atentos de quem o admirava.

Para espanto dos espectadores, o homem começou a remar para junto do segundo braço de pedra, o que fica mais a sul, onde o mar embatia com toda a sua raiva espumante nos rochedos grandes e escarpados. Não havia nada que o homem não recordasse; ele sabia que ali seria impossível prestarem-lhe qualquer tipo de auxílio. Primeiro, porque aquela zona é conhecida por ter muitas pedras cravadas na areia, que são altas o suficiente para encaharem qualquer barco e para ferirem qualquer alma que se aventure até ali; e, segundo, porque confiava no temor humano à morte e sabia que até a maior coragem e compaixão se dissiparia ao enfrentar tamanho desafio.

Foram meia dúzia de pessoas a correr até ao segundo braço de pedra de forma a avistar o homem. Quando lá chegaram, já só encontraram o barquinho à deriva, num vaivém repetitivo ao ser empurrado pela onda e repellido pela rocha. Acabaria a frágil madeira por sucumbir e dismantelar-se-ia em bocados. Ainda lá permaneceram algum tempo, na esperança de o reverem. Mas, depois, viraram costas.

O pescador estava agora em paz, de volta a si mesmo.



Já não mergulhamos...

Filipa Teixeira Torres | 11ºH

Já ninguém vai ao mar hoje em dia. As pessoas contentam-se com piscinas, preferem a monotonia previsível de um oceano sem ondas. Não só por ser mais seguro mas também porque é mais fácil mergulhar quando sabemos que não podemos afogar-nos. Deixámos de enfrentar ondas e paramos de nadar contra a maré. O nosso corpo já não é beijado pelo sal e abraçado pela areia. Trocamos o rebentar selvagem e vivo de mar por simples ondulações. Fizemos o mesmo com a nossa vida. Abandonamos os caminhos que nos inquietavam porque existiam outros mais fáceis de percorrer. Desistimos de lutar contra a corrente e nadamos agora no meio de um cardume sem destino. Toda a gente foge dos tsunamis e aqueles que ficam para trás não sobrevivem para contar a história de como foram engolidos pelo oceano, pelos problemas ou pela preocupação gritante, que soa tanto como o rebentar das ondas contra as rochas num dia de tempestade. Permitimos que os outros roubem as nossas pérolas e paramos de lutar quando apanhados por uma rede. Poucos são aqueles que ainda partem em busca de Atlântida e raros os que a encontram. Mas o mar continua a chamar-nos, às vezes com sussurros molhados, outras com gritos salgados, e cabe-nos a nós decidir se estamos prontos a mergulhar ou se vamos apenas molhar os dedos dos pés.



O mar

Leonor Azevedo Paiva Ruiz | 11ºH

Todos nós gostamos da praia, do sol, dos jogos de voleibol improvisados, dos gelados a derreter, da pele morena, das noites quentes... todos nós gostamos do verão.

Mas poucos se lembram do mar. Poucos são aqueles que não se lembram que o mar não existe apenas na época do biquíni e do chinelo de dedo.

O mar é um refúgio nesta vida repleta de confusões, problemas, futilidades e rotinas.

O mar está cá desde sempre. Desde as teorias da criação do planeta terra, apesar de controversas, da teoria do Big Bang e dos incríveis 7 dias em que Deus criou a terra...

Foi testemunha de lágrimas derramadas por mães, filhas, familiares e amigos. Viu corajosos e valentes marinheiros partir para o desconhecido em barcos tão frágeis como folhas de papel, com um futuro tão incerto quanto a morte.

Já imaginaste a quantidade de navios que está lá no fundo, na escuridão?

Será que se ouvem, bem lá no fundo, os gritos, as súplicas, o choro de todos aqueles a quem o mar tirou a vida?

Será que as ondas são como o último suspiro quando a água inunda a nossa alma?

O mar é sofrimento, é história. O mar é belo. O mar é paz...

O mar é tu levares uma prancha de surf, fazeres uma onda e teres uma sensação de liberdade inexplicável, sentires-te leve como um frágil dente de leão.

O mar é teu.

O mar és tu.



Deixem que cem flores desabrochem

Núria Antunes | 12ºH

Deixem que cem flores desabrochem. Deixem que a liberdade flua naturalmente. Deixem que a felicidade, o amor, a alegria e a compaixão sejam as metas diárias a alcançar. Não nos imponham regras sobre humanas. Não nos martirizem com guerras de destino fracassado já traçado. Não nos joguem aos leões, não nos façam correr em nome da liberdade e da igualdade em vão. Pois nós, apesar de guerreiros, somos apenas humanos, em busca de harmonia, em busca de uma razão para viver. E, se tivermos de vos combater, assim o faremos.

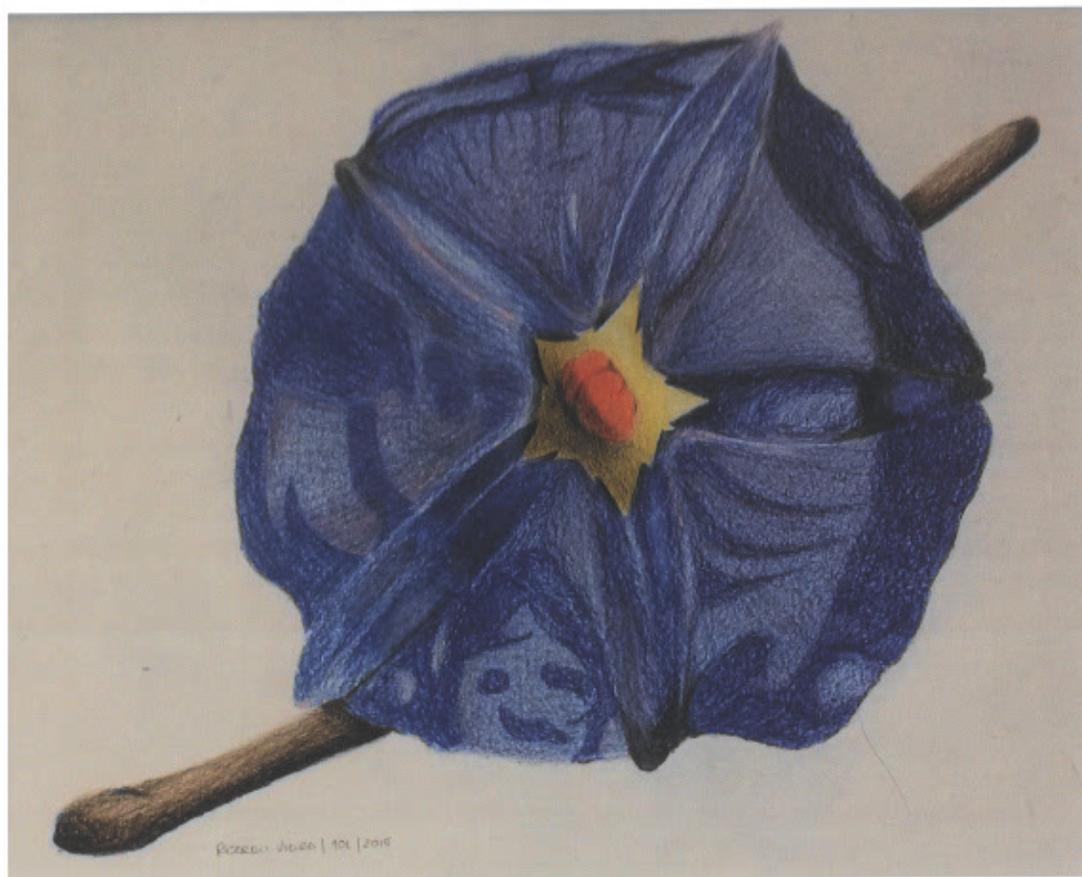
Deixem assim, que cem flores desabrochem. Deixem-nos escolher os nossos caminhos, traçar as nossas metas, deixem-nos correr para conhecer, deixem-nos abraçar, chorar, gritar. Façam com que seja possível. Não nos coloquem entaves. Nós apenas queremos tudo aquilo que nos têm vindo a tirar. Somente queremos sentir aquilo que a vossa inveja nos tirou, o que a vossa ganância, a vossa sede por poder nos fez perder.

Queremos sentir uma aurora tocar-nos no rosto. Queremos ouvir aquele chilrear que timidamente vai aumentando a sua intensidade. Queremos cheirar um dia de primavera, ou então, um dia chuvoso e húmido, que se faz acompanhar por um sol coberto por um arco-íris. Temos vontade de sorrir. De limpar aquela lágrima teimosa que nos corre pela face e nos faz ter mágoa, ter rancor. Pois vós, sois a nossa perdição, e esta lágrima é a marca que queremos apagar juntamente com a vossa recordação. Não queremos mais ser vencidos pelo medo, pela dor, pelo desespero. Queremos dormir cobertos por um manto de estrelas que nos protegerá, e nos fará esquecer tudo aquilo que nos fizeram passar.

Guardem as armas. Porquê travar uma guerra somente porque não somos todos iguais?! Larguem-nas. Ergam o vosso queixo, e sintam... sintam a força do grito da natureza, libertem o desespero que vos corrompe as almas, ouçam a alegria que corre no ar, a pureza que vos enlaça e abraça... sintam tudo o que a guerra vos parecia ter tirado. Sintam novamente a esperança, o aconchego de cada pessoa que perderam. E agora percebam, o ódio que vos guia é que vos tirou tudo isto. Cada vida que tiraram, cada bala que lançaram, cada grito que ouviram, cada súplica que vos atormentou, cada flor, que assim esmagaram. Por isso, deixem, deixem que cem flores desabrochem novamente. Deixem-nas curar as vossas feridas, iluminar os vossos dias. Deixem-nas guiar-vos e libertem-nos.

E, por fim, corram, gritem, abracem, beijem, chorem, sorriam, riam e larguem gargalhadas, saboreiem tudo aquilo que vos rodeia, e vos parecia ter sido tirado. E agora, ouçam. Sintam a vossa pele a arrepiar. Todos os vossos sentidos a aflorar. E limpem essas lágrimas. Pois isto, isto é a liberdade. É a felicidade que reconquistaram. A harmonia e o amor que tanto procuraram. E por último, prometam. Prometam que daqui em diante, apenas lutarão para que nada disto seja novamente perdido.

Deixem apenas que cem flores desabrochem...



“Se procura o mar, procura-o em segredo”

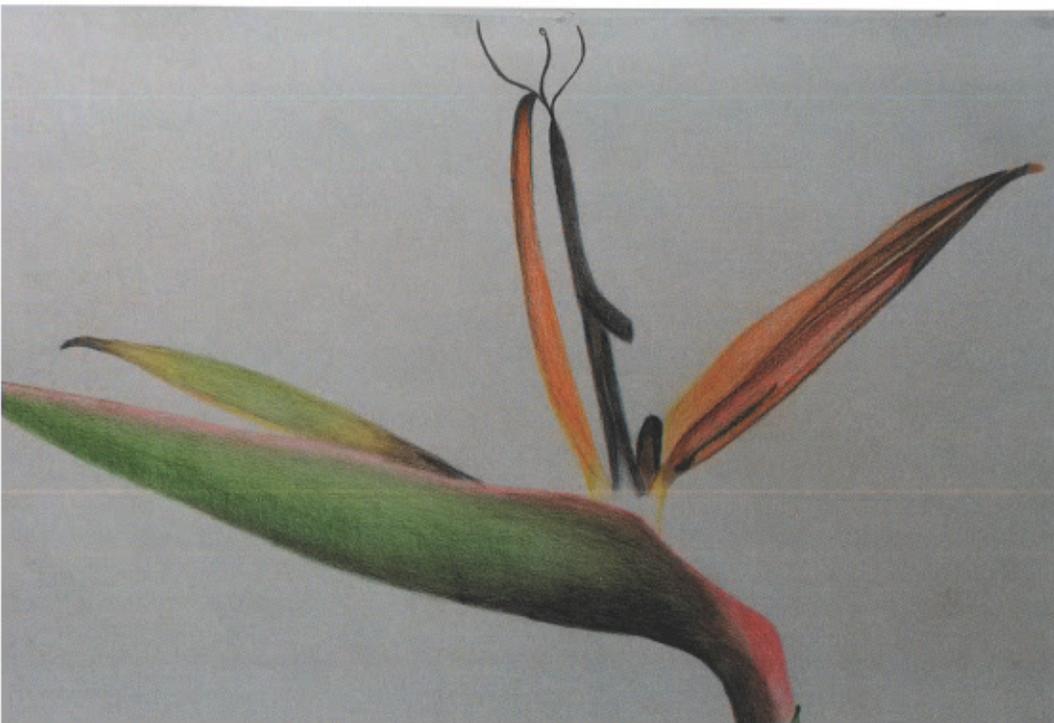
Ana Francisca de Araújo Viana | 12ºB

Um choro ofegante e sôfrego invadiu a minha mente. Não eram reais estas lágrimas, eram somente o sal que eu ansiava. Gotas de transpiração gélida dançavam no meu pescoço enquanto, simultaneamente, o petrificavam. Era como se esta sensação me calcificasse as articulações e, assim, permanecia parada, inerte. Sempre no mesmo lugar. Parada. Observando o movimento e agitação de tudo à minha volta. Pum! Boom! E eu continuava parada.

O choro voltava. Desta vez mais forte e mais duradouro. Todos o conseguiram. Porque sou eu a única a não chegar ao “tal” topo? A agitação e harmonia pareciam escapar-me, fugiam por entre os dedos. Ou então tudo o que desejava se escondia propositadamente numa caverna remota e sombria. Porém, tinha chegado o momento para nela mergulhar às cegas e furtar de mim mesma todo o medo e agonia que sempre me tiveram acompanhado. Não conseguia sair daquele imundo paraíso invertido.

“Onde estás tu”, Mar, que me proteges com as tuas ondas agressivas e abates os sentimentos inimigos?

O Mar está em mim, uma força da natureza, mas não posso dizer a ninguém.



CAPINIRVALOF
LEPOIREITOS
SEMPERSOCIE
MENTOIRIS
ACOESELEBAS
FETEREQUARTIS
TESEMITE
GENTEADUJIB
SENSA
CPITON
FORMA
NCASALTECAS
ASPREREDUC
UNIRPRAZERS
ORMARCRESC
PREENDERVAL
ADEENTEMEN
MUNDOSECRIT
DESCRITORES
REITOCHIM
ERSOCIEDADE
MENTO SOCIA
LGOESER
ASOSU
TALEITUR
VIDUALE
RITORES
ISACOESMA
OFESSORSHOM
HERESLACOSE
ANCASBIBLIOTEC
OLASREFLETIRE
RUNIRPRAZERS
ORMARCRESCER
PREENDERVAL
ANIDADEENTEM
AOLERMUNDOS
URAESCRITORES
NALISTASIMAGI
INOSFORMARLA
OSPRAZERSENS
IOTECASCRESCE
ICARUNIREDUCA
LETIRSENSACOE
ORESLETRADORES
ENDIMENTOCRE
NDOSENSACOES
URAESCRITOR
NALISTASIMAGI
INOSFORMARHO
OSPRAZER
IOTECASCRESCE
ICARUNIRINCLUIR

escalão

Prosa/Poesia



BIBLIOTECA

CFerreira

O espaço tem forma,
Rosto, feições...
É vivo.

Letras, palavras, conversa.
Alice questiona Pessoa.
Numa cavaqueira amena
Camões convida ao chá,
Bocage elege a "bica"
Saramago a prece,
Agustina delicia-se com Beethoven...

Palavras à solta
Saídas das estantes
Monografias alinhadas,
Folheadas,
Num sonho,
Como se a brisa as fosse inquietar.

Depois entro, procuro e encontro.
Sou,
Integro
O mundo,
A palavra,
A vida.

O canto da gaivota

Firmino Carvalho

Uma gaivota chorou
Para além do meu jardim,
Lembrou-se das angústias
Que trago dentro de mim.

Depois foi pousar
No telhado de um vizinho
Pareceu convidar-me
A não ficar sozinho.

Juntaram-se mais e mais
Num bando primaveril,
Cantaram a liberdade
E outras conquistas de abril.

A noite chegou
E esvoaçaram pelo céu,
Levando as mágoas
Que Deus me deu.

Quando amanheceu
Elas voltaram a cantar
As canções do sol
E da primavera a chegar.

Assim desapareceram no ar
Com seu voo e suas penas,
Deixaram no meu mar
As ondas mais amenas.

Mãe no dicionário plurilingue

Rosa Guedes

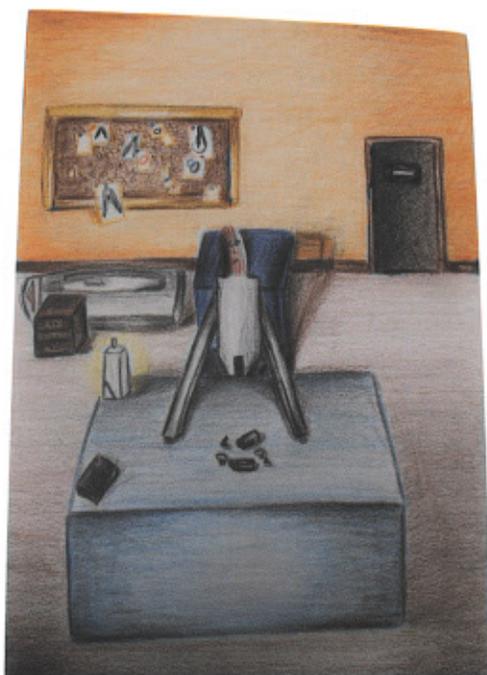
ser mãe é um puzzle de milhões
de peças.
ser mãe ocupa todas as letras do
alfabeto
desde o *a* de amor ao *z* de zelo
esbarrando por vezes no *p* de
preocupação,
no *d* de dor ou no redondo *o* de
orgulho.
para a mãe, o tempo é indefinido,
imprevisível,
paradoxal: arrastado de exaustão
ou segundos-borboleta de alegria.

mãe só traz manual da experiência.
pode-se ser mãe de coração
ser mãe "porque aconteceu"
gerando a mãe "cruz, obrigação e
estatuto".
há mãe sementes de vida e para toda
a vida
semeadora e semente em labuta
permanente
em busca de uma colheita oásis,
aromática, profícua

ser mãe é bênção ou maldição
ser mãe por escolha, granjeia
aprendizagens infindas, gratificantes
repletas de certezas de cor cambiante
d'amor -nascente- d'água ora enxuta
pelo estio da dor
ou da incerteza
ora jorrante pelas vitórias e alegrias
dos rebentos.

ser mãe é malabarismo, magia,
criatividade,
flexibilidade de bambu,
ternura de ninho,
tenacidade de raízes
alimento vital

terra arada, fértil em bondade e
compaixão.
mar manso de aceitação do voo azul
dos filhos
coragem e determinação nesta
peregrinação constante,
janela aberta no presente,
planície infinita precha de amanhã
em flor.



Ontem

Aruai

De regresso a casa, senti a presença da D. Mavilde à janela e da sua ternura no trato: "Bom dia Lolinha". Parece que os anos passam ao lado, não tem idade. Giro é pensar como a integrei nas minhas memórias. Ela matava os coelhos comprados na feira pela minha mãe e, em troca, eu fazia-lhe um rolinho com recheio de marmelada. Fui aprendendo a receita ouvindo as indicações da minha mãe ao longe. Como os ovos eram contados, não havia dúvida, eram seis. "Separa as gemas das claras, mexe tudo e junta as claras em castelo. Bate bem! Unta o tabuleiro com Planta e põe no fogão. Limpa a mesa, põe um guardanapo dos brancos com açúcar e quando o bolo estiver lourinho vira no pano. Não deixes cozer muito senão ele parte-se. Passa a faca com a marmelada e enrola com cuidado. Põe no prato de pirex e vai lá levar".

A minha memória continua a deambular... A senhora Elisa da mercearia que dava troco em senhas de cartão, a Rosinha da Livraria que tinha o "cheirinho a novo" dos lápis e dos cadernos, a Lurdinhas do rendeiro que me dava as agulhas, os botões e os carrinhos de linha, o Chico da farmácia que dava os medicamentos habituais, a Sãozinha do ferrador que vendia as ervilhas de quebrar e os pêssegos ao preço do ouro eram, entre outros, adultos ainda vivos, que me foram entrando na gaveta dos valores e são o exemplo do mundo a mudar.

Há quarenta anos, quando saía à rua com a minha mãe, os bons dias e as saudações choviam de todo o lado e, nessa altura, achava aquele comportamento exagerado e chato. Saía do número vinte e, para chegar à Imponente demorava mais de uma hora. Toda a gente se conhecia, muita gente se preocupava connosco e, sobretudo, olhava para nós.

Vivemos lado a lado, mas não levantamos o olhar e damos pouco valor aos que olham para nós.

Olhos nos olhos, a coragem de ser igual a ontem!

Sina pesada a de esferográfica Bic

Rosa Guedes

Eu tenho que falar. Sou uma esferográfica BIC de esfera fina tinta vermelha. Vivo num sufoco: uma prisão que vos garanto que não é preventiva.

Posse de professor. Tirano. Risca, corrige, sublinha, classifica, comenta continuamente, a qualquer hora do dia ou da noite (para não dizer da madrugada), a qualquer dia da semana e, sem exagero, nem sequer é seletivo no local. Uma escravidão!

Ele é extenuante, eu diria, mesmo hiperativo: mete-me no estojo, tira-me a tampa, sobrecarrega-me as costas com papéis, grelhas, guarda-me em pastas, em micas... Sempre a mudar-me de sítio... que eu nem nunca percebi muito bem como não se perde. Tem bússola.

E digo mais, o homem vocifera contra a vida dele (que não é bem vida), fala com os seus botões, coitado... insurge-se contra aqueles que não caligrafaram corretamente o que ensinou... Dá pena... às vezes até nem vai comer... Horas a fio a rabiscar, a escrever algarismos nuns quadrados pequeninos com nomes em filinha. Nem sei como não se engana nas contas. Na nova nomenclatura são percentagens!

Mas na verdade, eu é que as pago! Estou pr'aquí a esvaír-me em tinta; ando pr'aquí aos papéis, imensos! Tantos, como uma cáfila num deserto sem fim. Exauridíssima! Isto de andar aos papéis, dias-a-fio, é indigesto! Um dia rebento e borro-lhe as folhas com o vermelho do meu sangue furibundo, moribundo, sem direito a greve, a sono, a pausa.

Isto de ser Bic já teve tempos áureos... Há uma década atrás, era uma vida mais calma, com mais andorinhas -o símbolo do certo- do que cruces. Aquilo era outra loiça! Como eu adorava dar tinta às andorinhas nas folhas de exercício. Agora chamam-lhe folhas de teste... Mas, olhem que é só para testar a minha paciência!

A gente não se deve queixar da vida, é verdade. Raramente, muito raramente, desenho, um coraçãozito de cupido ou um smilezito (muito em voga) numa resposta mais inteligente.

É sina pesada ser esferográfica Bic esfera fina vermelha, de um professor da era contemporânea.

Se estás a pensar ser esferográfica BIC vermelha, desapensa. Muda de vida. Ainda vais a tempo de mudar





ESCOLA da MINHA vida

Prosa B | 2º lugar

Perfeição | Mariana Pereira | 7ºB

As pingas gordas da chuva deslizavam na janela do quarto de Sofia como pequenos cristais numa dança escorregadia... Os seus pensamentos tamborilavam sobre a almofada, enquanto a fantasia penetrava sorrateiramente na pequena divisão, embrulhando-se numa mixórdia de "porquês" e sonhos delicados.

De súbito, a menina levantou-se, atravessou o quarto e olhou-se no espelho transparente e brilhante. Ali estava ela, com os seus cabelos cor de mel que lhe caíam sobre os ombros numa cascata de caracóis rebeldes, com os seus olhos opacos que não viam para além do espelho; destruíram a estrada para além da sua ambição e trancaram a visão do coração num vazio que sustentava o receio de ser ela mesma, o desgosto de não atingir a perfeição, que abraçava o perfeccionismo, a desilusão, a crueldade e a ilusão de uma vida que não fora sentida, que não fora realmente vivida...

Ali estava ela com o seu coração que não procurava o amor e a beleza das coisas mais simples da vida, limitando-se a permanecer entre um nada minucioso e um todo imperfeito, um aperto sufocante e um espaço amplo solitário, indeciso sobre o caminho a seguir, a melhor maneira de abrir as asas e voar...

Até que, dominada pelo cansaço, deixou-se embalar e mergulhou num sonho profundo. Sonhava que era uma pomba branca, que simbolizava a magia de um ser e procurava tocar no amor de um coração, encarregando-se de o transformar e de lhe acrescentar um toque de viveza e perfeição. Procurou a ajuda da bailarina de cristal, que lhe deu a mão e a encorajou a saltar o abismo de estrelas. Perguntou o caminho à menina do mar, que lhe sorriu e lhe disse para nunca desistir de sonhar, encontrar um unicórnio, que com o toque da sua crina mágica lhe curaria as feridas da viagem e, por fim, falou com o anjo que lhe deu uma asa quando a sua se partisse. Porém, nunca chegou a encontrar o caminho para o amor, e assim, voou até à lua para descansar um pouco, acabando por encontrar um paraíso no qual brotavam flores brancas e a beleza rodopiava e saltava de pétala para pétala, arrastando inúmeros sonhos...

Na manhã seguinte de primavera, a menina acordou com um sorriso estampado no rosto, e entendeu que a perfeição não é algo muito elaborado e impossível de alcançar, mas que se esconde por trás da flor mais simples da vida...

E, naquela noite, Sofia olhou uma última vez para a lua antes de adormecer, e sentiu que uma pequena flor brotou pela primeira vez no seu humilde coração, alcançando a felicidade, a sua perfeição.

POESIA B | 2º lugar

Título? | Mafalda Leal | 8ºC

Será esse o título da perfeição?
Fogo? Água? Terra? Ar?
Amor? Ódio? Terror? Paixão?
Numa história de amor,
Num conto, num drama...
Romeu. Julieta?
Hamlet?

Não sei, que dizes?
Achas!?
Procura em ti,
Procura em mim,
Procura em nós,
Procura em todos,
Está lá? Diz-me...
Volta a procurar...
Na enciclopédia, nos livros
Nas gavetas, no armário
Na rua, em casa
No bolso, na carteira
Diz-me agora. Está lá?
Onde está o título da perfeição?
Não encontras? Vê lá, só mais um pouco
Ainda não? Onde está?
Também não sei! E a perfeição?
Ela existe? Então, que é do seu título?
Perdeste-o ou não há?
Não te posso responder.
Mas aqui, entre nós...
Não há um título para a perfeição.



POESIA B / 3º lugar

A Perfeição | Liliana Giesteira | 9ºD

Onde estará?
Algo fácil de dizer, difícil de
compreender
Onde é que ela estará?
Será que alguém a encontrará?
Será que anda por aí perdida?
Ou será que está escondida?

Gostava de a conhecer...
Ou até mesmo, estar um pouco
com ela
Só para sentir
O que é ser perfeita e bela...

O que faço para a encontrar?
Será que vale a pena chorar?
Ah! Preciso de um geógrafo!
Para a poder localizar...

Já sei que estou a complicar...
Penso que estou na aula de
matemática!
Onde quase todas as respostas
São difíceis de achar...

É tudo bem mais fácil
Para quê tanto pensar?
Se ela não tem um relatório de
autocaracterização
Para quê tanta preocupação?

Tudo é perfeição!
Em função do que lhe corre no
coração...
Ela não é um teste que tem uma
correção.

Cada um é perfeito à sua maneira!
Mesmo que vá fazer uma asneira!
Nada é em vão...
Tudo tem a sua perfeição!

Ficou mais fácil, com a minha
conclusão
Foi como resolver uma equação!
Basta um pequeno "empurrãozinho"
E tudo vai dar certinho!
Afinal, é mais fácil do que pensava!
Achava que era preciso correr
Para a poder conhecer...
Está tão perto do meu coração...

Mais uma vez, obrigada pela atenção
Desculpe a confusão...
Mas na verdade, o que acabei de fazer
Foi perfeição...

Poesia C | 2º lugar

Aborrecimento | Sara Gonçalves | 12ºB

A perfeição é harmonia...

A perfeição é aborrecida,
Aborrece-me!
Incomoda-me. Desconcentra-me.
Arrepiame-me. Enjoame-me.

A subjetividade de "perfeição"
Permite-me defini-la,
Contudo, sou inevitavelmente
mergulhada
Na sua monotonia,
Porque todo o seu equilíbrio
É desequilibradamente monótono.

Só no obscuro, no improvável,
No misterioso, no desconhecido,
Nas árvores sem folhas,
Nas esculturas sem braços,
Encontro o perfeitamente imperfeito,
O interessante, o inesperado!...

A sobrevalorização da perfeição
repelame-me.
Porquê aspirá-la? Porquê tê-la como
objetivo,
Se uma vida perfeita
Equivale a ausência de surpresas,
A rotina, ao previsível, ao cliché?!
Por que é que ninguém vê?!

Talvez a sede de perfeição
Causou a cegueira de que todos
sofrem,
Por terem bebido
Deste veneno letal.

Poesia C | 3º lugar

Eu procurei mas não me esqueci de encontrar. | Adriana Castro | 11ºB

Talvez ninguém te tenha dito.
E talvez ninguém to vá dizer.
Então, eu te digo de pronto,
Que a perfeição está em tudo o
que quiseres.

A chuva que te enregela,
O abraço que te aquece no inverno...
Do amor da tua vida, a gargalhada,
Ou do teu cão, a lambidela.

Mesmo que não a conheças, procura.
O inalcançável nem sempre o é.
É preciso dedicação,
atenção, compreensão,
E, sejamos sinceros, também um
pouco de loucura.

Não me prendi à ideia de perfeição
que me davam.
Libertei-me das predefinições.
Redefini-me.
Reinventei-me. Reencontrei-me.
Encontrei-te.
Mudaste a minha definição de
perfeição. Encarnaste nela.

Duvida de tudo. Põe em causa
esse conceito. Sê diferente,
sê tu mesmo.
Foi o que fiz, e sabes o melhor?
Encontrei a minha definição
de perfeição...
E a minha perfeição és tu.

Prosa C | 1º lugar

Uma folha branca é sempre perfeita | Ana Francisca Viana | 12ºB

Uma folha branca é sempre perfeita até ao momento em que a cor negra da tinta de caneta a envolve. Essa tinta é a imperfeição!

Linhas retas, com cor angelical e uma superfície aveludada constituem a folha. Pelo contrário, a tinta, embora suja, impiedosa e tantas vezes indesejada, adere à suavidade da homóloga folha.

A sua existência foi criada e pensada em concordância, de forma a que nenhuma das duas apresente funcionalidade alguma sem que ambas se conjuguem.

A perfeição não sobrevive sem imperfeição.

Agora a revolta é comigo mesmo. As minhas lágrimas pensadas gritam e eu, incorporado na imperfeição do tempo e da minha própria pessoa, sou como a tinta negra.

A escuridão persegue-me, assim como o tictac frenético. Nada empenhado, mas nada parece resultar. Não encontro a folha branca. Estou a afogar-me na tinta e a folha branca parece-me já uma miragem inalcançável. Não a encontro.

A imperfeição não sobrevive sem a perfeição.



Prosa C | 2º lugar

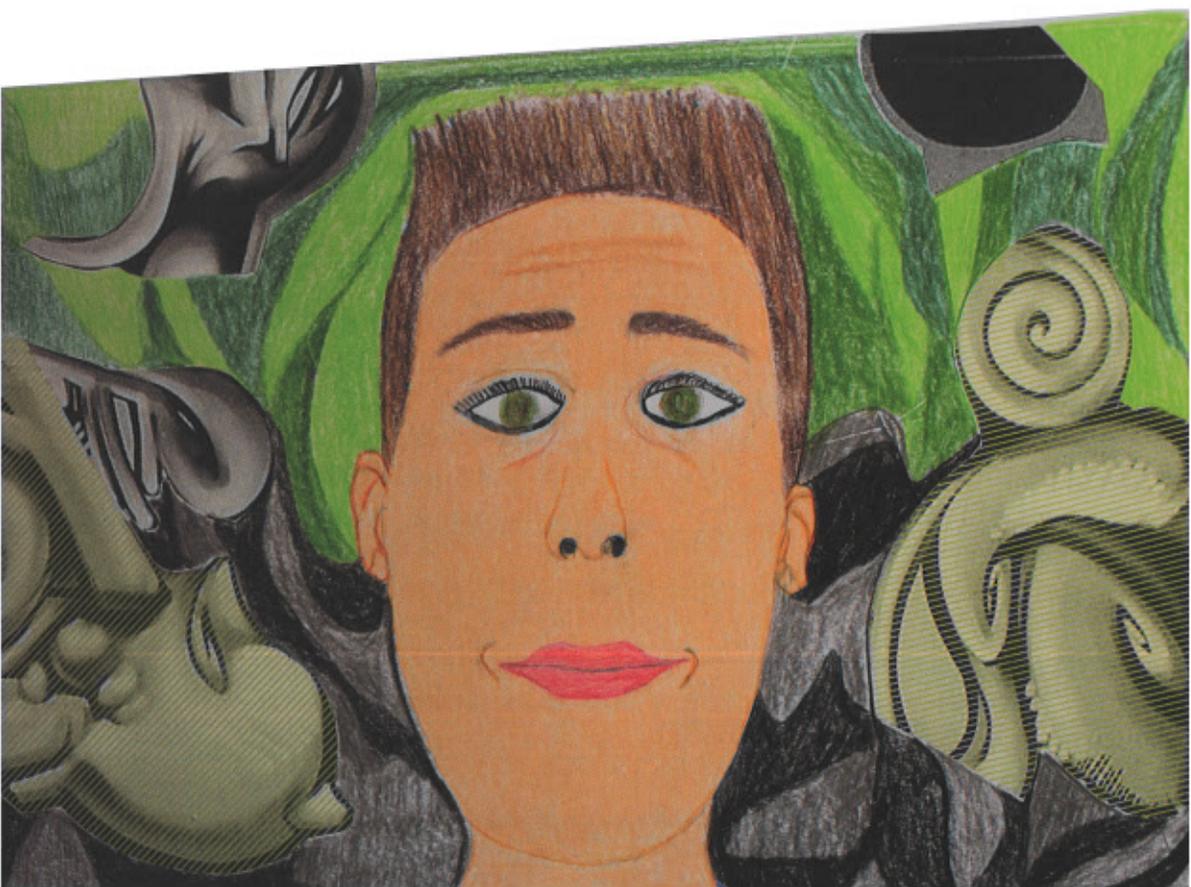
A indefinição da perfeição | Núria Antunes | 12ºH

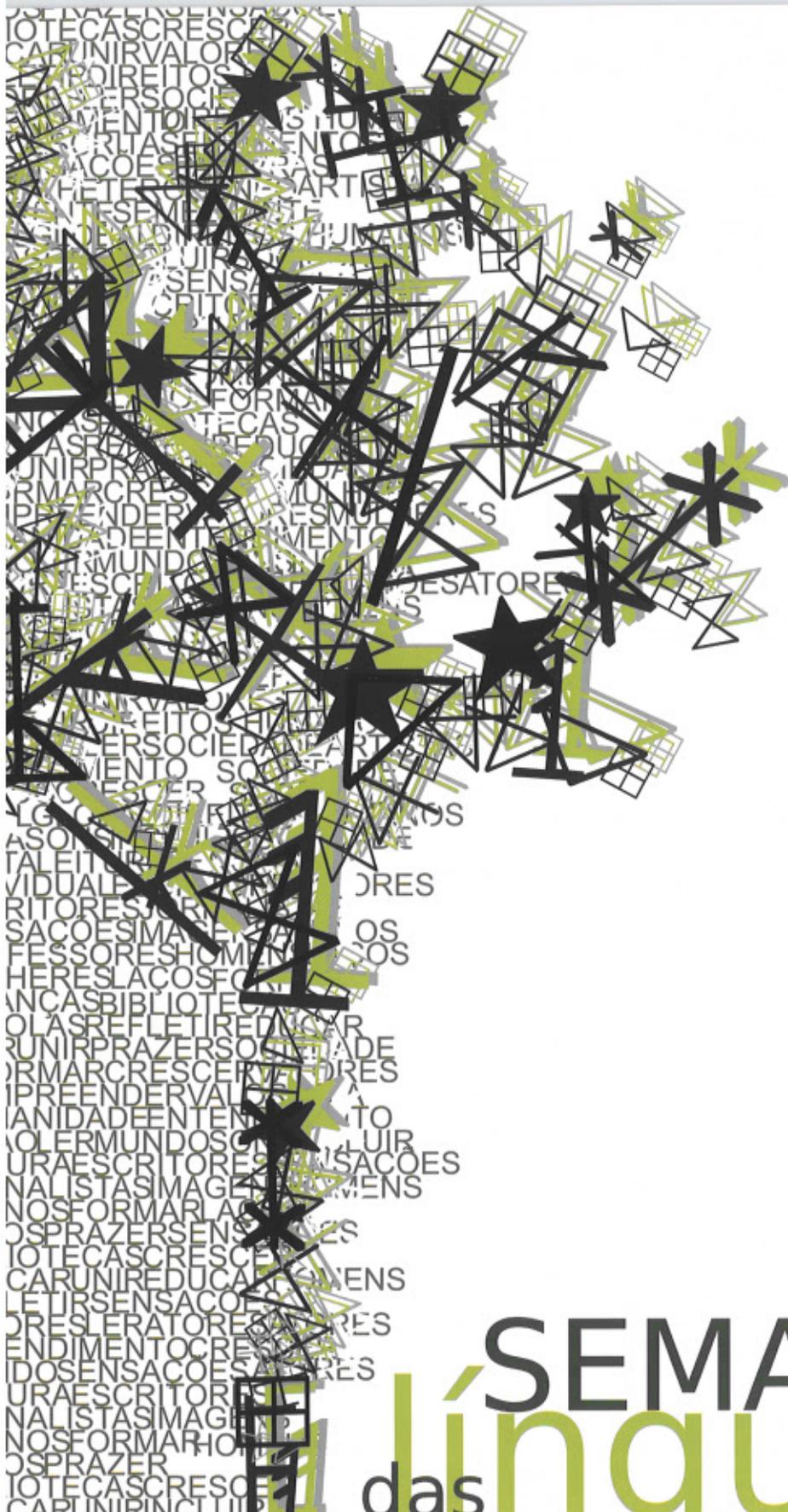
Numa tarde de azul sereno, iluminada por um sol radiante e aconchegada pelo som relaxante da ondulação e o chilrear suave dos pássaros, sentei-me levemente na areia e parei para pensar. Pensar na vida, ou simplesmente no que me rodeava, pensar no dia em si ou apenas nos sons que me embalavam. E assim, deslumbrada com a imensidão do mar, o doce cantar dos pássaros que se confundiam com as gaivotas e a leve brisa que me acariciava a cara com um toque materno, dei por mim a pensar na perfeição.

A perfeição. Mas o que será ela afinal? Será apenas um conceito de beleza? Ou será uma simples palavra solta criada para guiar o ser humano na sua caminhada terrena? Poderemos nós encará-la apenas como sendo algo que, tendenciosamente, tentamos alcançar ao longo da vida? Ou como sendo algo simples que nos ilumina o dia e nos acaricia a face, enquanto nos deleitamos a refletir?

No meio da revolta dos meus pensamentos, envoltos pela mistura indefinida de perguntas, penso ter encontrado então o real conceito de perfeição. Ela não é algo que qualquer pessoa consiga encontrar ou alcançar, pois quanto mais se a procura, mais longe dela se está. Na realidade, descobri que esta não tem uma definição concreta, pelo contrário, ela é tudo e não é nada, porque pode ser simplesmente um gesto carinhoso ou o facto de nos recostarmos e sentirmos a leve brisa; pode ser apenas um olhar vazio mas pensativo ou então pode simbolizar o nada. Sim, o nada. Porque afinal, a perfeição é tudo, e o tudo engloba o nada. A perfeição está em nós, nas ondas incertas do mar, no vento adocicado que nos arrepia, no canto dos pássaros, nos cheiros que nos rodeiam, nos sons que nos embalam. Ela representa o inesquecível, o inalcançável, o transcendente e ainda a anormalidade.

Por fim, sorri e deleitei-me de novo na areia amena que me envolvia, acabando assim por perceber que, ao longo dos meus pensamentos, estive sempre a saborear a perfeição. Pois ela, é um conceito indefinido que nos acompanha diariamente, que pode então ser descrito mas nunca procurado, pois esta é que nos procura.





SEMANA
das línguas

As palavras...

II SEMANA DAS LÍNGUAS

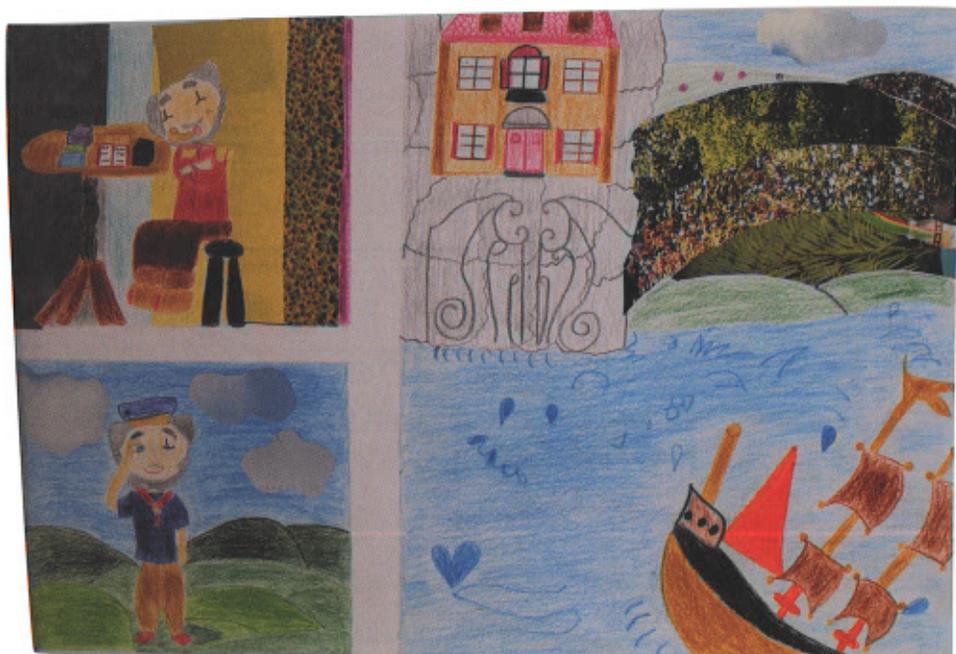
7º C

As palavras voam
a vida vai passando
As pessoas envelhecem
com saudade, dor
mas continua-se a viver a vida
voamos juntos
no segredo das palavras
imaginando...
com a cor do nosso ser
A vida é luz, é dor
é cor, é amor
A alegria é o melhor da vida

Às vezes o amor é maior do que
toda a água do mar
A verdade é pura, é água
A amizade é luz
Numa troca de olhares

Surge um sorriso
Da verdade sai a luz do amor
o sol da vida
A verdadeira amizade
Partimos e no brilho do olhar
Juntos choramos
a saudade
o amor...
O amor é como as palavras
às vezes usamo-las sem pensar
e ficamos
perdidos na saudade

apenas o instinto
nos irá dizer
De quem gostamos, de quem
amamos
e a saudade...
a saudade é imparável...



Há palavras duras, doces, feias, belas, gentis, agressivas, caras, baratas. As palavras magoam, mudam e destroem, mas as palavras também são feitiços com que nos fascinam os escritores.

A voz que oiço quando leio não é a voz dos meus pensamentos, não é a voz do meu gritar ou falar, é uma voz diferente... especial!

Não é também apenas uma voz, mas sim a voz única e singular de cada escritor.

Albino Correia, Cátia Antunes | 10ºB

O poeta planta letras | rega-as com sentimento | aduba-as com inspiração | e cuida delas com emoção. | O poeta vê florescer nas suas palavras | a inspiração, emoção e sentimentos | depositadas nas suas letras | e que originaram a poesia.

Em cada estrofe e em cada verso | neles transparecidas cada detalhe | do esforço da maravilhosa criação | que é a poesia.

Ana Azevedo | 10ºB

As palavras | Guiam-nos na solidão | E dão asas | À nossa imaginação.

Por vezes. Bombas que atacam | Outras. Palavras amorosas | Que nos compararam | As flores deleitosas.

Viajam como o vento | Por entre povoações | Mas neste momento | Só espalham emoções.

Simão Martins | 10ºB

Quando leio há uma voz dentro de mim. Voz essa que me fala "Hello" em Inglês, "Holla" em Espanhol e, por norma, "Olá" em Português. Contudo considero a minha voz inteligente e modesta por me mostrar a mim só a mim as línguas que fala e o mundo que posso abraçar.

Ana Marques | 10ºI

Uso diferentes palavra para diversos momentos. | Posso usá-las para brincar ou para matar | Uso-as com tudo o que sinto | Porque com a língua portuguesa não brinco.

Quando eu era pequeno gostava de ouvir | As palavras doces que a minha avó me dizia.

Porque eu ficava cativado com aquilo que ouvia | Pois ela brincava com as palavras com ninguém conseguia.

André Rodrigues e João Oliveira | 10ºK

Os Lusitanos falam com a emoção | de quem já descobriu tudo.
Espalharam a língua Portuguesa | pelos sete cantos do mundo.
Para cada sentimento há uma palavra | dita com amor e convicção.
Não há mais nenhum povo que cante | o hino com tanta paixão.

João Pedro, Tatiana Pinheiro, Tiago Moura e João Araújo | 10ºK

Luís de Camões quis contar | Tudo o que os lusitanos conseguiram fazer
E começou por apresentar | O que muito dizia saber
Começou a escrever | Apesar da pouca esperança
Mas tinha que isso esquecer | E ter autoconfiança
Através das considerações do poeta | A sua opinião nos veio dar
Não usou alfa nem beta | Mas palavras para o explicar
Com muito esforço e dedicação | Os portugueses conseguiram glorificar
Este povo de grande coração | Ninguém vai conseguir igualar.

Mariana Silva e Patrícia Matos | 10ºK

Navegamos vários mares | Para o mundo descobrir | Para nele uma marca
deixar | E vimos a nossa língua as outras cobrir | Em muitos sítios a ouvimos | É
um orgulho da nação | Por onde passamos | Levámo-la no coração.

Tiago André | 11ºH



Por vezes cruéis, amargas e insensíveis, as palavras magoam tanto como lanças que atravessam o nosso coração. E o pior é que depois de ditas e malditas não podem ser desditas, ou pior ainda, de tanto se dizer, tornam-se banais e insignificantes. As palavras malditas são tal e qual a ausência de liberdade... Está tão perto e não lhe podemos tocar. Queremos tanto esquecê-las mas torna-se uma realidade longínqua e intocável.

As palavras, por vezes, não são nossas amigas e fazem-nos sentir impotentes, inócuos e irreconhecíveis. Mas serão mesmo as palavras ou quem as diz? Acredito que as palavras são fonte de conhecimento e fonte de amor, um amor tão profundo quanto o mar e tão espontâneo como o sol.

As palavras nunca nos negam nada, nunca nos mostram um não convicto, não nos mostram nenhum incerto talvez e nunca nos desiludem com um quase. O quase incomoda-me, entristece-me e mostra-me o que poderia ter sido e não foi. Mas as palavras permitem-nos ser, fazer e acontecer.

As palavras são a alma, a força... são o poder do Homem.

Ana Margarida Curval | 11ºB

A vida faz-nos Homens | Mas as palavras dão-nos a vida
Por vezes servem de refúgio | Mas noutras, dão-nos visibilidade
Elas fazem-nos conhecer um novo mundo | Uma nova dimensão.
São como um ombro amigo | São como um irmão.

Há palavras doces, meigas e melodiosas | Assim como há palavras duras,
ocas e fastidiosas.

Todas elas têm uma importância na nossa vida | Mesmo aquelas que por vezes têm tendências maldosas.

Por vezes sentimo-nos tristes | E não temos com quem desabafar
Portanto escrevemos o que nos vai na alma | Para ninguém cansar.

Este nosso mundo não é constituído apenas por terra e mar. | A terra não é dois terços de água, | É feita de todos nós | Cada cidade nada mais é do que nomes interligados | Vozes barulhentas que falam a mesma língua | Mas com timbres tão diferentes | Que se dispersam e unem no ar, | Numa sinfonia de murmúrios e berros | Risos e choros.

Uma língua não é meia dúzia de palavras | É uma declaração de amor silenciosa | Um discurso político, talvez um sermão, até um romance | É uma conversa entre amigos | Uma língua é os seus falantes | E a língua portuguesa?

Somos todos nós.

Filipa Teixeira | 11ºH



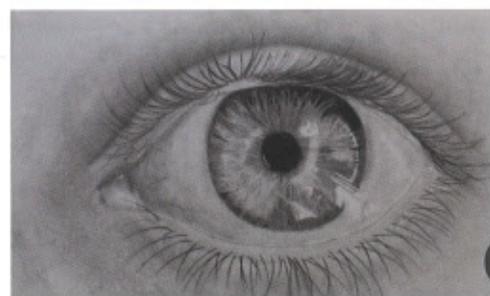
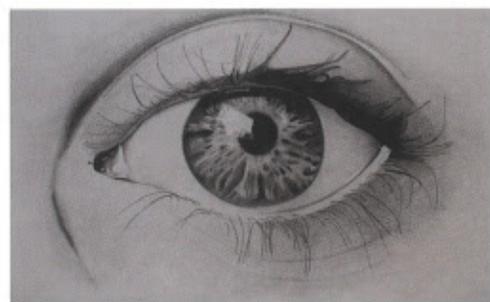
19 / março \ 2016

GALERIAS MARTA | RUA DA JUNQUEIRA

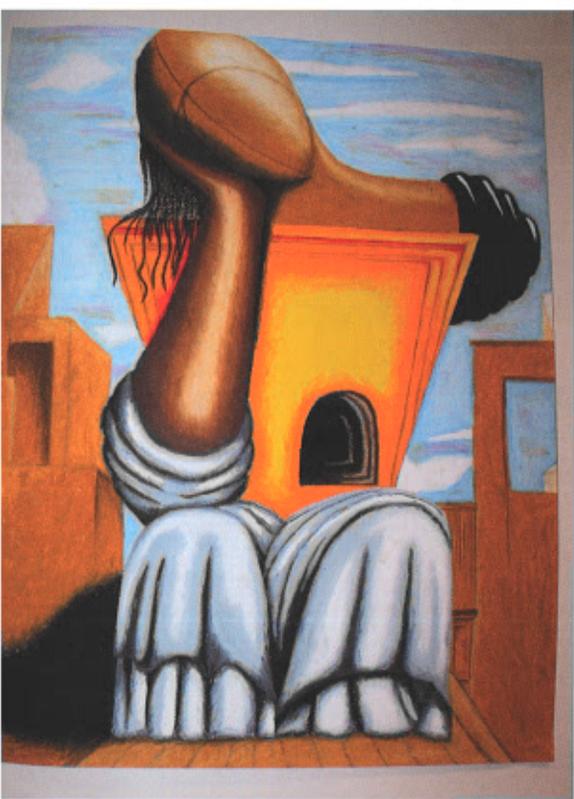
espaço

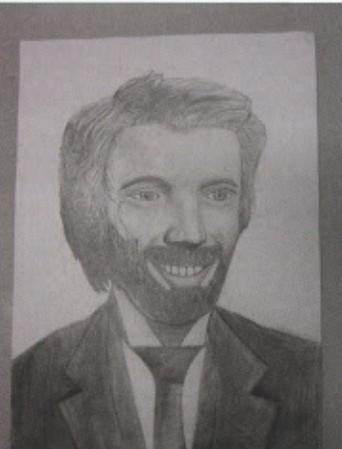
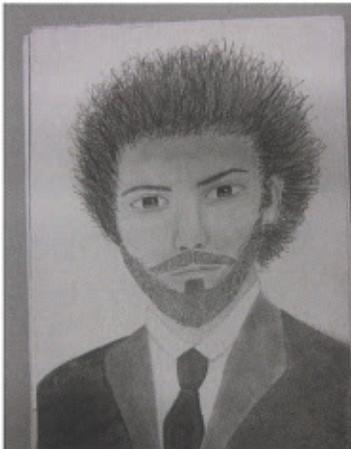
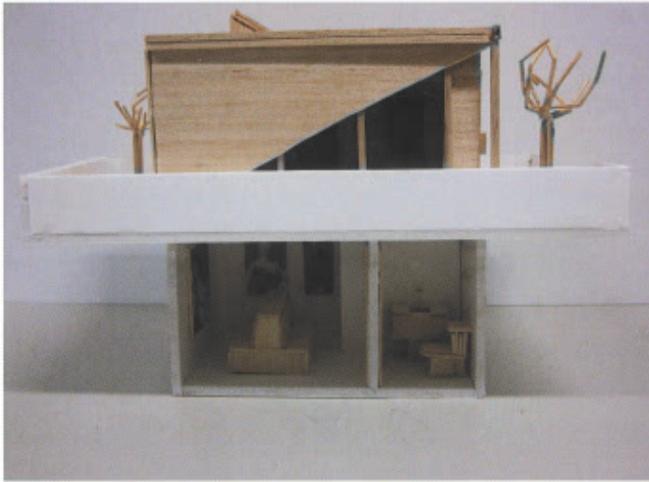
ROCHart



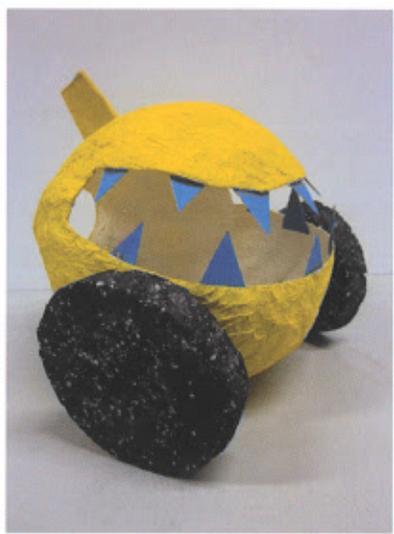


CURSO
de artes











ÍNDICE

PREFÁCIO

ESCALÃO A PROSA / POESIA

Diogo e o rapto por engano
Dois mundos paralelos
Um Amor Espacial
Bullying
Eu sei
O Poder do Amor
Maria Pirata
Amor
Tudo e Nada
Diz que sim
O que é o amor?
Bullying

7ºB José Nuno Quintas
7ºB Joana Pereira
8ºD Vasco da Ponte Carvalho
9ºD Renata Correia
9ºE Henrique Carneiro
8ºB Carolina Brandão Neves
7ºB Mariana Pereira
9ºA José Pedro Miranda da Costa
8ºC Mafalda Neiva Leal
9ºC Eduarda Santos
8ºC António Matos
9ºD Liliana Gesteira

ESCALÃO B PROSA / POESIA

"Se procuras o mar, procura-o em segredo"
Segredos do mar
Tanto...
Letras
"Se procuras o mar, procura-o em segredo"
"Se procuras o mar, procura-o em segredo"
Hoje procuro...
O mar
Palavras perdidas
Descobre-me
Querido Avô
Crescer
O pescador
Já não mergulhamos...
O mar
Deixem que cem flores desabrochem
"Se procuras o mar, procura-o em segredo"

10ºD Joana Alexandra Ramos
12ºB Sara Carolina Dinis Gonçalves
10ºB Diana Carvalho
11ºB Andreia Moreira
11ºB Adriana Maria Alves Castro
12ºH Núria Antunes
10ºD Ana Rita Agra
10ºD Sofia Lopes Leite
10ºG Beatriz Alicia
10ºG Maria Eduarda O. Castro Rodrigues
10ºH Rita Mafalda Magalhães
11ºB Ana Margarida Curval
11ºH Beatriz Barroso
11ºH Filipa Teixeira Torres
11ºH Leonor Azevedo Paiva Ruiz
12ºH Núria Antunes
12ºB Ana Francisca de Araújo Viana

ESCALÃO C PROSA / POESIA

2 Biblioteca
2 O canto da gaivota
3 Mãe no dicionário plurilingue
4 Ontem
5 Sina pesada a de estereográfica Bic

Conceição Ferreira
Firmino Carvalho
Rosa Guedes
Laura Brito
Rosa Guedes

II SEMANA DAS LÍNGUAS

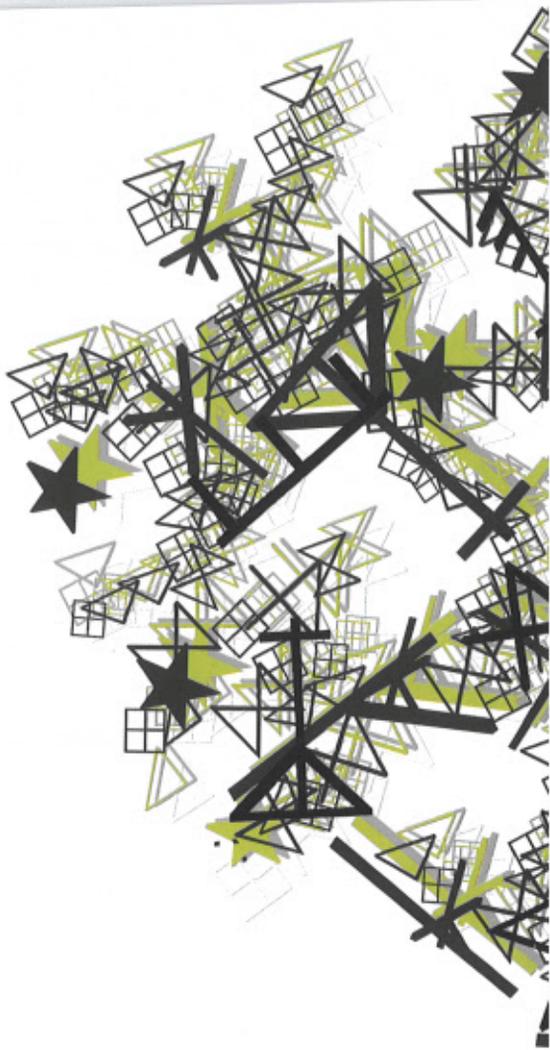
8 Prosa B 2º lugar | A Perfeição
9 Poesia B 2º lugar | Título?
0 Poesia B 3º lugar | A Perfeição
1 Poesia C 2º lugar | Aborrecimento
1 Poesia C 3º lugar | Eu procurei mas não me esqueci de encontrar?
2 Prosa C 1º lugar | Uma folha branca é sempre perfeita
3 Prosa C 2º lugar | A indefinição da perfeição

7ºB Mariana Pereira
8ºC Mafalda Leal
9ºD Liliana Gesteira
12ºB Sara Gonçalves
11ºB Adriana Castro
12ºB Ana Francisca Viana
12ºH Núria Antunes

III SEMANA DAS LÍNGUAS

16 7ºC
17 10ºB
17 10ºI
17 10ºK
18 11ºH
18 11ºB
19 11ºH

CURSO DE ARTES



Ficha Técnica

Título: Os Escritores da Rocha Peixoto | nº10

Autoria: Escola Secundária de Rocha Peixoto | Biblioteca Escolar

Imagens do Interior: Trabalhos elaborados pelos alunos do 3º ciclo e do Curso de Artes Visuais orientados pelas professoras Isabel Braga, Isabel Azevedo e Isabel Sofia Silva.

Imagens do separador do Curso de Artes: Trabalhos elaborados pelos alunos do 10ºL, 11ºL e 12ºK, orientados pelas professoras Isabel Braga e Isabel Sofia Silva.

Design Gráfico:

Capa concebida pelo aluno Tiago Moreira; **Paginação** realizada pela aluna Sara Fernandes; **Tratamento de imagem** elaborado Joana André, Lúcia Martins, Diogo Araújo e Tiago Moreira, do Curso Profissional de Técnico de Design Gráfico, orientados pela professora Isabel Sofia Silva.

Impressão e acabamento:

Gráfica Vilar do Pinheiro